



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTA FLORESTA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

Denise de Faria de Souza

**O JORNAL MUVUCANDO E A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NA
COMUNICAÇÃO RURAL E COMUNITÁRIA**

SOUZA, D. F. *O Jornal Muvucando e a participação de jovens na comunicação rural e comunitária. 2018. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso(Jornalismo) – Universidade Estadual do Mato Grosso, Alta Floresta, 2016.*

ALTA FLORESTA –

MT 2016/2





Denise de Faria de Souza

O JORNAL MUVUCANDO E A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NA COMUNICAÇÃO RURAL E COMUNITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina de Araújo Silva

ALTA FLORESTA – MT

2016/2

Denise de Faria de Souza



O JORNAL MUVUCANDO E A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NA COMUNICAÇÃO RURAL E COMUNITÁRIA

Alta Floresta-MT, ____ / ____ / ____

Prof.^a Dra. Ana Carolina de Araújo Silva

Prof.^a Me. Eveline dos Santos Teixeira Baptistella

Prof.^o Me. Eduardo Fernando Uliana Barboza



A globalização atinge a todo o mundo, mas não todos lugares

Milton Santos



AGRADECIMENTOS

Faço o meu primeiro agradecimento a Deus pela generosidade em me dar saúde e disposição para chegar até aqui com a certeza de que pude compartilhar o melhor de mim.

Agradeço aos meus pais por me proporcionar a vida e, em especial, a minha querida e valorosa mãe pela boa educação, força e incentivo para que pudesse chegar ao final deste curso. Aos meus amigos e irmãos que me acompanharam nos dias ruins e bons sempre com palavras de esperança de que tudo ia dar certo.

Agradeço também a toda equipe do Instituto Ouro Verde por abrir as portas tão generosamente e pela confiança no meu trabalho, por me dar espaço e encarar a proposta de forma profissional e amigável. A minha orientadora, professora Dra. Ana Carolina Araújo, por acreditar na minha proposta de pesquisa, pela disposição e paciência no acompanhamento de todas as etapas deste trabalho.

Este trabalho simboliza o final de uma caminhada de lutas e vitórias na busca por conhecimento. Minha eterna gratidão a todo o corpo docente desta instituição que nos acompanhou a cada passo dado nestes quatro anos.



Resumo

SOUZA, Denise de Faria. **O Jornal Muvucando e a participação de jovens na comunicação rural e comunitária.** Trabalho de Conclusão de Curso. Alta Floresta: UNEMAT, 2016.

O presente trabalho é um estudo da comunicação rural e comunitária como ferramenta de cidadania, mobilização e incentivo de jovens moradores de comunidades rurais, por meio dos trabalhos do Jornal Muvucando. Esta pesquisa busca compreender o cenário em que os jovens estão inseridos e as ferramentas que possam incentivá-los a permanecer no campo. Sua efetivação foi por meio de uma pesquisa participante, por meio de oficinas para aproximar conceitos de comunicação comunitária e escrita aos grupos de comunicação, intitulados Bases de Comunicação, que formam uma Rede de Comunicadores do Território Portal da Amazônia e tem como proposta o surgimento de um blog como ferramenta colaborativa dentro das bases de comunicação.

Palavras-chave: comunicação comunitária; Muvucando; comunicação rural; bases de comunicação; educomunicação; cidadania; Portal da Amazônia (MT).



Abstract

SOUZA, Denise de Faria. The Muvucando News and the participation of young people in rural and community communication. Alta Floresta: UNEMAT, 2016.

The present work is a study of rural and community communication as a tool for citizenship, mobilization and encouragement of young people living in rural communities, through the work of Muvucando Journal. This research seeks to understand the scenario in which young people are inserted and the tools that can encourage them to stay in the countryside. Its accomplishment was through a participatory research through workshops to approach community communication concepts and writing to the communication groups, called Communication Bases, that integrates a Network of Communicators of the Territory Portal of the Amazon and has as proposal the emergence of a Blog as a collaborative tool within the communication bases.

Keywords: Community communication; Muvucando; Rural communication; Communication bases; Educommunication; citizenship; Portal of the Amazon (MT)



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de domicílios que possuem equipamento TIC.....	71
Gráfico 2 – Ferramentas de busca por informações dentro do Projeto...	72
Gráfico 3 – Famílias com acesso à internet	76
Gráfico 4 – Jovens com acesso à internet.....	76



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Avaliação do jornal Muvucando pelos agricultores.....	73
Tabela 2 – A participação dos jovens nas comunidades agrícolas.	74
Tabela 3 – Número de jovens com acesso à internet	75
Tabela 4 – Número de agricultores com acesso à internet.....	75



SUMÁRIO

Introdução	12
1.O projeto Sementes do Portal e o Jornal Muvucando	16
1.1 A criação do Muvucando e o Curso de Formação de Jovens.....	18
1.2 A segunda fase do Muvucando	20
1.3 O Muvucando e as parcerias com as escolas	24
1.3 Perfil dos Jovens.....	26
2. Comunicação Comunitária	28
2.1 Comunicação Comunitária no Brasil.....	28
2.2 A comunicação comunitária e a construção da cidadania	31
2.3 A comunicação como vínculo entre cidadania e educação	34
2.4 Os meios rurais e o suporte comunicacional	36
3. Jornalismo ambiental: definições e características	40
3.2 O papel da educação ambiental na comunicação ambiental.....	43
3.2 A pauta ambiental aplicada ao Jornal Muvucando	46
4. Ciberjornalismo e Educomunicação	49
4.1 Conceitos de ciberjornalismo	49
4.2 A cibercultura e a comunicação comunitária.....	51
4.3 A Educomunicação: conceitos e a exemplificação	54
5. Pesquisa participante no jornal Muvucando: metodologia e resultados	63
5.1 Período de observação das relações e o potencial mobilizador do grupo	64
5.2 Oficinas nos sete municípios e aplicação de formulário	66
5.3 Aplicação e avaliação por município.....	68
5.3.1 Oficina em Alta Floresta.....	68
5.3.2 Oficina em Apiacás.....	69
5.3.3 Oficina em Carlinda.....	70
5.3.4 Oficina em Colíder	71
5.3.5 Oficina em Nova Canaã do Norte	71
5.3.6 Oficina em Nova Guarita.....	72
5.3.7 Oficina em Terra Nova do Norte.....	72
5.4 Perfil comunicacional no projeto.....	73



5.4.1	Dados sobre as TICs e a opinião sobre a comunicação de massa.....	73
5.4.2	A visão dos agricultores sobre os aspectos comunicacionais	75
5.5	Ferramenta blog: uma proposta interativa	78
5.6	O Muvucando como instrumento mobilizador para os jovens	80
5.7	Proposta do blog Muvucando	81
8.	Referencial Bibliográfico.....	85
7.	Apêndices.....	93
7.1	Apêndice I – Fotos das Oficinas nos municípios.....	93
7.2	Apêndice II – Formulários aplicado aos agricultores	94
7.3	Apêndice III – Formulário aplicado aos jovens	97
7.4	Apêndice IV – Sugestão de plataforma	98



Introdução

A presente pesquisa coloca em questão a comunicação rural e comunitária, analisando o processo de produção do jornal *Muvucando*, a relação dos jovens que atuam na elaboração e a recepção do produto nas comunidades rurais.

Este trabalho dá um passo além da análise e propõe a participação da pesquisadora como forma dar apoio à produção e de aproximar os conceitos da comunicação comunitária que permeiam a relação existente entre o produto gráfico e os jovens envolvidos no processo. Outra frente pesquisada ao longo deste trabalhado foi o levantamento qualitativo do número de jovens e agricultores com acesso à internet, para a proposta de introdução de ferramentas digitais como forma de ampliação de alcance dos trabalhos produzidos pelos jovens, com o objetivo de fortalecer a identidade do grupo e aproximá-los do conhecimento de novas ferramentas de comunicação por meio de novas mídias.

O jornal *Muvucando* é uma ferramenta de comunicação comunitária integrante do projeto *Sementes do Portal*, desenvolvido pelo Instituto Ouro Verde (IOV) no município de Alta Floresta (MT), desde o ano de 2010. Circula em sete municípios que compõem o *Território Portal da Amazônia*. Desde sua primeira edição, o jornal *Muvucando* vem sofrendo modificações estruturais, a partir das avaliações da equipe, sendo atualmente desenvolvido pelos jovens das comunidades participantes do Projeto, com a mediação da organização.

Este trabalho descreve, em seu primeiro capítulo, o histórico percorrido nas três fases do Projeto Sementes do Portal. Do ano de 2010 a 2013, com o jornal *Muvucando* foi produzido pelo assessor de comunicação do instituto. Os anos de 2013 a 2015 marcam as atividades de articulação comunicativas com o início do Curso de Formação Política e Mobilização Social voltada aos jovens e a proposta do jornal *Muvucando* passa a transcender a funcionalidade e alcançar as vozes das comunidades por meio de *Bases de Comunicação* compostas por jovens filhos de agricultores participantes do Projeto. Para a composição do capítulo, foram utilizadas entrevistas com jovens integrantes das bases de comunicação e com agentes de comunicação comunitária



responsáveis por atividades de fases anteriores do Projeto Sementes do Portal e que vivenciaram a história do Instituto junto aos jovens, além das análises do material pedagógico que norteia os cursos de formação que foram disponibilizados para a presente pesquisa.

A escolha de trabalhar com o público jovem na comunicação rural vem da importância de problematizar as questões enfrentadas pelas comunidades dos municípios que participam do *Projeto Sementes do Portal* e formam uma *Rede de Comunicadores*, haja vista que a esta pesquisa tabulou o nível de envolvimento dos jovens nas comunidades por meio da percepção dos agricultores e, junto a isso, verificou o baixo índice da população jovem no campo, assim como as justificativas recorrentes para explicar este contexto.

A *Rede de Comunicadores* é composta pelas *bases de comunicação* de cada município (com exceção do município de Alta Floresta, que possui duas bases de comunicação atuando em comunidades diferentes), formada por jovens de 14 a 24 anos, em média, que com auxílio do conselho gestor do seu município, discutem pautas para a produção do material de comunicação para o *Muvucando*. Posteriormente, o material é enviado ao assessor de comunicação do Instituto Ouro Verde para revisão e diagramação.

Bordenave (1983, p.47) considera que a “escolha de um modelo de comunicação em detrimento de outro ocorre de acordo com as prioridades determinadas pelo modelo de desenvolvimento adotado pelo país.” É por isso que salientamos que a comunicação contribui para fortalecimento da identidade das comunidades do campo e pode incentivar as atividades já desenvolvidas neste meio. A pesquisa considera a realidade local da comunidade agrícola dos municípios participantes do projeto *Sementes do Portal* (Alta Floresta, Apiacás, Carlinda, Nova Canaã do Norte, Nova Guarita e Terra Nova do Norte, cerca de 400 propriedades no total).

O presente trabalho, no segundo capítulo, se propõe a apresentar os principais conceitos da comunicação comunitária e rural, partindo das concepções filosóficas iniciadas por Webber (1973), os elementos que constroem os fatores empíricos de comunidade postulados por Palácios (2001), além da história da comunicação comunitária no Brasil e da distinção de suas variadas vertentes e os fatores de construção de identidade e empoderamento estudados por Cecília Peruzzo (2008). Barbero (2000) Barreto (2000)



Bordenave (1988) e Freire (1983) são outros autores que compõem a base para contextualizar os aspectos comunicativos aliados à educação, cidadania e ao meio rural, introduzindo a discussão da indissociabilidade entre comunicação e educação e, conseqüentemente, o potencial de gerar um espaço de construção de melhores condutas sociais.

A mecanização dos trabalhos rurais, a limitação das instituições escolares no campo, as deficiências dos programas governamentais de incentivo aos produtores, a forte propaganda sobre a vida urbana, o modelo econômico vigente e a forma com que ele considera as políticas de domínio de terras, além do baixo alcance do jornalismo ambiental direcionado ao pequeno agricultor, são fatores que aumentam gradativamente o êxodo rural e, conseqüentemente, o desinteresse dos jovens que nascem nas comunidades afastadas dos centros urbanos, ocasionando a queda do número de famílias que se mantêm da agricultura familiar. Os formulários aplicados durante a pesquisa proporcionaram a contextualização do ponto de vista dos agricultores e dos jovens ao que se refere aos materiais jornalísticos divulgados na grande mídia, assim como a preocupação dos agricultores com o estímulo dos jovens em permanecer no campo.

O terceiro capítulo introduz as definições e características do jornalismo ambiental, em especial o conceito sistêmico deste gênero jornalístico, que pertencente ao jornalismo especializado. Bueno (2007), Trigueiro (2008) e Belmonte (2004) são as bases teóricas que norteiam as formulações do cunho multidisciplinar que caracterizam esta área de estudo. O capítulo traz ainda a discussão acerca do tratamento das notícias da comunicação de massa aos assuntos relacionados ao meio ambiente. O destaque para o papel pedagógico do jornalismo ambiental é reforçado por meio da literatura de Bueno (2007), inserindo a proposta de educação ambiental com base no Programa Nacional de Educação Ambiental, apresentado em 1999 e discutido como ferramenta de cidadania por Belmonte (2004), relacionando também as pautas ambientais que são levantadas no jornal Muvucando.

Ter em vista esse cenário é de suma importância para a elaboração de estratégias inteligentes que estimulem os pequenos produtores rurais a apoderarem-se de seus direitos, compreendendo o valor social, ambiental e sobretudo, o valor humano que desenvolvem. A base da nossa proposta é a



percepção de que “desenvolvimento rural é um complexo e harmônico processo de mudança que requer intervenção coerente de um amplo número de fatores. Um deste é a Comunicação, entendendo-se que está é parte de um processo educativo” (BORDENAVE, 1988).

Partindo deste pressuposto, o quarto capítulo foca o ciberjornalismo e a educomunicação, apresentando os conceitos de ciberjornalismo e cibercultura segundo Palácios (2003), Heim (1993) e Bastos (2010) e da educomunicação tratada por Freire (1979), Delors (2003), Soares (2002) e Moran (2002). São temas que embasam propostas de integração das bases de comunicação com ferramentas online associadas a práticas educomunicativas, haja vista a mediação das escolas no cenário 2016 da rede de comunicadores.

No quinto capítulo, estão contidos os resultados da pesquisa participante com os dados e tabelas construídos e analisados com o objetivo de mostrar o cenário em que os agricultores e jovens estão inseridos no que tange os acessos a Tecnologias da Informação e Comunicação e a avaliação dos agricultores quanto ao produto Jornal Muvucando distribuído nas comunidades. Por fim, é apresentada a sugestão de formato de trabalho mediante a realidade analisada e os conceitos advindos do estudo da comunicação comunitária e da educomunicação, o desenvolvimento de uma ferramenta compartilhada como um Blog, é a sugestão de ferramenta para contribuir na relação dos jovens com as comunidades e formação de identidade do grupo na preservação e memória dos fatos e relatos das comunidades rurais neste trabalho relacionadas.



1. O projeto Sementes do Portal e o Jornal Muvucando

O município de Alta Floresta pertence ao que se compreende ser o começo da expansão do bioma amazônico e denominado desde 2008 pelo Ministério do Meio Ambiente como o Território Portal da Amazônia pelo Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. O território é integrado ainda por outros municípios circunvizinhos como: Apiacás, Carlinda, Colíder, Guarantã do Norte, Marcelândia, Matupá, Nova Bandeirantes, Nova Canaã do Norte, Nova Guarita, Nova Monte Verde, Novo Mundo, Paranaíta, Peixoto de Azevedo e Terra Nova do Norte, no extremo norte do estado do Mato Grosso.

Tais municípios compartilham características históricas semelhantes, refletidas nos aspectos econômicos e populacionais atuais. Algumas destas características foram descritas no Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS) do Território da Cidadania Portal da Amazônia (2010)¹. No que tange os aspectos histórico os municípios participaram do processo de colonização nos anos 70, incentivado por projetos governamentais tendo como lema a proposta de “integrar para não entregar”. Desse modo, o processo de reforma agrária e ocupação do território era facilitada por baixas taxas de compra de terras, resultando em uma ocupação sem uma reflexão sobre o contexto socioambiental.

O incentivo dos programas governamentais e de iniciativas privadas estimuladas pela ditadura militar para ocupação da área central do Brasil era divulgado como uma promessa de acumular riquezas de forma barata, já que a propaganda que se fazia era de que nas regiões amazônicas a produção agrícola seria uma prática fácil. Dessa forma, milhares de colonos e suas famílias chegavam do sul e sudeste do país e começavam as ações de desmatamento para cultivo de lavouras.

Porém, deparavam-se com uma realidade climática incoerente para produção, visto que a região conta com períodos definidos de grande seca e chuva. Com isso, a produção agrícola tão aclamada pelas iniciativas não progrediu. Na época, existiam



¹CEAAF - PORTAL DA AMAZÔNIA (Alta Floresta-MT). Instituto Ouro Verde - Iov (Org.). **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável**: Território da Cidadania Portal da Amazônia. Alta Floresta, 2010. 46 p. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio074.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.



também projetos financiados pelo Governo Federal de responsabilidade da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) para o aproveitamento de madeiras de lei, tais frentes isentas de preocupações com a sustentabilidade e responsabilidade ambiental.

Poucos anos após a colonização da região, nos anos 80, com a descoberta do potencial aurífero, houve um novo movimento de chegada de garimpeiros nas cidades integrantes do Portal da Amazônia, dessa vez recebendo pessoas do norte e nordeste do Brasil, agregando novas culturas ao cenário predominantemente sulista até então.

Ao finalizar o período do garimpo, os moradores que ficaram na região se adequavam aos empregos que o local oferecia como a agricultura, pecuária e trabalhos em madeiras. De modo geral, com as altas e baixas do setor econômico, as cidades se estruturavam de maneira árdua, e muitos dos locais antes povoados por trabalhadores do garimpo foram abandonados, outros se transformaram em cidades ou comunidades rurais.

Compreendendo o histórico de colonização e, conseqüentemente, de características populacionais, conseguimos relacionar as ações presentes na região atualmente. O cenário ambiental deixado pelo desmatamento e garimpo fizeram com que projetos com foco em reflorestamento e agricultura familiar visando a sustentabilidade local voltassem os olhos para o Território Portal da Amazônia, e é nesse sentido que surge a proposta do Projeto Sementes do Portal.

Iniciado no ano de 2010, no município de Alta Floresta, por meio do Instituto Ouro Verde- IOV, organização não-governamental atuante no município desde o ano de 1999, o Projeto Sementes do Portal visa a recuperação das áreas ambientais das comunidades rurais que compõem o Território Portal da Amazônia, usando técnicas agroflorestais e agroecológicas como mecanismo fundamental, tendo como visão uma região sustentável do ambiente desde seu valor ecológico até o social. Dar voz aos agricultores e capacitar agentes para atuação são quesitos levantados para construir as ações.

Dessa forma, o Projeto Sementes do Portal se define em diversas frentes de atuação. A Rede de Sementes, Mulheres de Fibra e a Comunicação



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

Comunitária por meio do jornal Muvucando são as bases que acompanham o projeto desde sua primeira fase, no ano de 2010. Implantar uma ferramenta de comunicação para interligar os municípios participantes do projeto é um diferencial para estruturar um estudo acerca da funcionalidade da comunicação comunitária.



1.1 A criação do Muvucando e o Curso de Formação de Jovens

Chega-se, então, no objeto central de estudo nesta pesquisa: a construção do diálogo nas comunidades por meio do Jornal Muvucando e a funcionalidade de tal ferramenta na construção da identidade de um grupo, tendo em vista as diversas modificações estruturais sofridas ao longo dos anos.

É necessário, então, o aprofundamento nas características editoriais do objeto de estudo, desde sua construção, ainda enquanto projeto. Para tal análise, foi necessária a entrevista com os primeiros participantes desse projeto, assim como a análise dos materiais produzidos na primeira fase até as edições atuais.

A ferramenta de comunicação inclusa em um projeto focado na construção socioambiental do Território parte, a princípio, de uma ideia de material para apresentação das prestações de contas do projeto. Notado um potencial de comunicação, foi acordado explorar uma forma de construir um diálogo entre comunidade participante do projeto e o grupo que dava o suporte ao projeto.

A ideia do nome Muvucando veio da técnica de plantio chamada de Muvuca.

Essa técnica consiste em misturar diversas sementes de espécies nativas, juntamente com algum substrato (como terra úmida, por exemplo) evitando-se, no momento do plantio, realizar uma separação entre pioneiras e não pioneiras e valorizando a riqueza de espécies [...] (SOUZA E SILVA, 2014, p.2)

A mistura de culturas de espécies se relaciona com a diversidade cultural no sentido humano, à qual pertencem os agricultores que participam do Projeto Sementes do Portal. Assim como o resultado desta diversidade agrega fortalecimento ao solo, as variações de costumes entre comunidades também fortalecem o grupo.

Em sua primeira fase, que compreende os anos de 2010 a 2013, o jornal Muvucando era construído pelo intermédio do próprio coordenador de comunicação do Instituto Ouro Verde, que ia *in loco* coletar dados e entrevistas



nas comunidades e, então, produzia os textos que faziam parte do Muvucando. Em cada edição, um município servia como pauta. Dessa forma, o interlocutor das vivências do campo era uma pessoa que não morava no campo, porém compreendia as problemáticas vividas pelo grupo. As pautas eram decididas em conjunto com técnicos e coordenação e tinham uma prioridade para assuntos que tratassem sobre técnicas agroecológicas.

No que tange os aspectos editoriais, a primeira fase do Muvucando contava, na primeira página, com textos de cunho editorial produzidos pelo coordenador do Projeto ou matérias sobre alguma propriedade em especial. Na segunda página, variava-se entre matérias sobre técnicas agroflorestais, produzidas por técnicos ou receitas culinárias e poemas. Na terceira página, encontrava-se as entrevistas pingue-pongue com agricultores. A quarta página, matérias da assessoria de comunicação informando atualizações do Sementes do Portal e, a quinta e sexta páginas levavam as tabelas de prestação de contas. A distribuição dos 1.400 exemplares era feita pelos técnicos para cada município participante do Projeto.

No ano de 2011, em meio ao I Encontro de Avaliação e Planejamento do Sementes do Portal, surgiu a necessidade da implantação de um curso de formação que atendesse a parcela da juventude moradora das comunidades participantes, com o objetivo de perpetuar as práticas de recuperação ambiental, além de agregar conhecimentos sobre mobilização social. Assim, deu-se início ao primeiro curso de Formação em Agroecologia e Mobilização Social.

A proposta foi de uma formação de educação integrada que nortearia a construção técnica- social-política dos jovens. O perfil que se procurava para entrar no curso era, segundo o Plano Pedagógico do Curso (2010, p.2) “O(a) jovem ter ligação profunda com o campo, de preferência morar no campo. O(a) jovem deve participar da vida comunitária. Envolvimento no projeto Sementes do Portal”

Além de respeitar a faixa etária de 16 aos 28 anos e do cunho técnico de capacitação em agroecologia e mobilização social, o curso de formação abordava temáticas comunicacionais, sendo o resultado das discussões materiais escritos ou registrado em material audiovisual com o objetivo de difundir o conhecimento adquirido para a comunidade.



O curso foi aplicado em oito módulos, em um total de 496 horas, divididas em teoria, intercâmbios e atividades integradas à comunidade. Cada módulo era compreendido em três partes: teoria da comunicação, tema específico do módulo e produção de materiais de comunicação sobre o módulo, este último seria o produto compartilhado com a comunidade. O grupo responsável por dar oficinas de comunicação foi o Teatro Experimental de Alta Floresta, junto ao coordenador de comunicação do Instituto.

O cunho de reflexão em Mobilização Social levantava aspectos políticos e de cultura de massa e, com isso, os jovens começaram a ser introduzidos a compreender diferentes aspectos do modelo organizacional ao qual a visão sobre a parcela menos elitizada da população não eram protagonizada nas discussões abordadas pela mídia. Nesse sentido, nasciam as organizações incentivadas pelo povo, bem como a comunicação comunitária. Segundo PERUZZO (2008), o conceito de comunicação comunitária está correlacionado à comunicação alternativa, participativa, horizontal, dialógica e radical, o que significa, em essência, que se trata de um canal gerido pelo povo (comunidade). Definido por Peruzzo (2008, p 370) como “um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo

crítico-emancipador reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo.” Assunto que será melhor tratado no Capítulo 3 deste trabalho. Nota-se que a partir das discussões apresentadas no curso de formação, a visão da equipe sobre a própria forma de se difundir a comunicação foi sendo moldada, aproximando ao conceito apontado por Peruzzo. Isso se torna um fato conclusivo no ano de 2013, quando começa a segunda fase do Projeto Sementes do Portal e a estrutura

com que é pensado e a forma de produção do jornal Muvucando se modificam.

1.2 A segunda fase do Muvucando

A mecanização dos trabalhos rurais, a limitação das instituições escolares no campo, as deficiências dos programas governamentais de incentivo aos produtores, a forte propaganda sobre a vida urbana, o modelo econômico vigente e a forma com que são consideradas as políticas de



domínio de terras, além do baixo alcance do jornalismo ambiental direcionado ao pequeno agricultor, são fatores que aumentaram gradativamente o êxodo rural e, conseqüentemente, o desinteresse dos jovens que nascem nas comunidades afastadas dos centros urbanos pela vida no campo, ocasionando a queda do número de famílias que se mantêm da agricultura familiar.

No ano de 2013 o Projeto Sementes do Portal renova sua jornada no município de Alta Floresta, recebendo nesta nova fase outros municípios integrantes: Colíder e Nova Santa Helena. A intenção nesse novo momento já era atender uma preocupação das comunidades quanto a fortalecer a permanência dos jovens no campo, logo, “as mudanças para a estruturação da comunicação foram pensadas a partir das observações obtidas dos resultados do curso de Formação em Agroecologia e Mobilização Social”².

² ENTREVISTA I com Responsável pelo curso de formação na fase 2 do Projeto Sementes do Portal. Entrevistador: Denise de Faria de Souza. Alta Floresta, 2016. 1 arquivo .mp3 (42 min.).

A avaliação do jornal Muvucando acontecia em paralelo, já que havia uma preocupação quanto à efetividade do canal de comunicação. Considerando os preceitos para uma comunicação comunitária, faltavam na estrutura do jornal vozes diretas do campo que, dessa forma, mostrassem também os anseios da comunidade. Aliado a isso, devido aos resultados positivos vistos nas oficinas de comunicação desenvolvidas no curso de formação, a equipe do Instituto Ouro Verde considerou a potencialidade dos jovens serem os agentes comunicadores e darem seqüência à produção do Muvucando, que avançaria no sentido de ter interlocutores vindo do povo. Deve ser considerado que para atingir as relações pretendidas e acompanhamento dos jovens, era necessário o contato *in loco* na extensão das comunidades do Território Portal da Amazônia, o que deixava o processo mais extenso em relação a tempo de articulação.

Inicialmente, a gente contava com a participação dos jovens que participaram do primeiro curso de formação, mas só dois continuaram envolvidos nas atividades e, assim foram abertas mais vagas aos filhos dos agricultores participantes do projeto e indicados pelo conselho da comunidade como figuras participativas. Cada jovem recebia um valor de cem reais por edição do jornal que serviria



para dar suporte a algum eventual gasto relacionado à atividade de comunicação (Entrevistado II, 2016)³

Neste novo processo comunicacional, o papel do Agente de Comunicação Comunitária⁴ seria ampliado para articulador e mediador das relações dos jovens dos nove municípios, acompanhando o progresso do grupo e dando subsídios para que os jovens pudessem ter mais segurança na escrita. Nota-se, então, a complexidade que se tornou a produção do jornal, agregando a aplicação do que seria a mobilização social na prática.

As primeiras observações do agente de comunicação foram sobre a dificuldade dos jovens em problematizar o contexto no qual estavam inseridos.

A gente começou a fase já pensando em articular uma forma que os jovens pudesse fazer as matéria, entretanto, a primeira observação que a gente teve logo no primeiro mês, é que os jovens não tinha condições de produzir, por uma questão de falta de capacidade técnica. Então eles não tinham condições de se comunicar através da escrita e não tinham um esclarecimento político para saber o que é que eles iam manifestar pelas suas comunidades, conseqüentemente, eles não tinham uma visão mais crítica com relação as suas comunidades e

³ ENTREVISTA II com Agente de Comunicação Comunitária de 2013 a 2015. Entrevistador: Denise de Faria de Souza. Alta Floresta, 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 12 min.).

⁴ Cargo instituído pela Organização para a pessoa responsável pela coordenação da comunicação.



em relação a perceber coisas. Com isso o que a gente fez nesse primeiro mês foi encontro de comunicadores (Entrevistado II, 2016)⁵

Logo, foi preciso construir formas de estimular a capacidade crítica do grupo, para que fosse possível pensar coletivamente nas possíveis pautas, assim como dar um acompanhamento na elaboração de textos sem que o grupo se inibisse, apresentando estilos de escritas que mostrasse melhor a identidade de quem escrevia. Para isso, a equipe de comunicação articulava encontros para troca de saberes, de forma a integrar os agentes e motivá-los.

Nos primeiros encontros, o grupo apresentava sugestões para fortalecer o trabalho dentro da comunidade. Uma delas foi de convidar outros jovens da comunidade para integrarem o grupo. A proposta foi amadurecida e complementada. No início do ano de 2014, foram estabelecidas bases de comunicação e, para construir uma dinâmica completa, as escolas rurais onde os alunos estudavam foram convidadas a participar do processo e colaborar na construção intelectual dos jovens de forma extra curricular.

O quadro estabelecido era de nove bases de comunicação ou núcleos de comunicação com variados números de integrantes e intermédio informal das escolas. Estava formada, então, a Rede de Comunicadores das comunidades pertencentes ao Portal da Amazônia. O recurso que antes vinha para apenas um jovem, com a formação das bases, poderia ser usada para produção ou arrecadação de material para confecção de materiais de comunicação.

Um dos marcos para a comunicação neste primeiro ano da segunda fase do Sementes do Portal foi o intercâmbio com a Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores (RENAJOC), quando a rede de comunicação do Portal da Amazônia pôde se aproximar da vivência de outros grupos de mobilização social e compreender a complexidade do meio em que está envolvida em uma perspectiva macro.

Algumas pautas sobre recursos de comunicação em potencial para a efetivação de uma comunicação comunitária receberam atenção tanto em meio ao intercâmbio quanto na volta dos jovens. Segundo relatos do Agente de Comunicação desta fase⁶, notou-se que a atividade ampliou os olhares destes adolescentes que não compreendiam o poder transformador que tinham em



mãos por meio do Muvucando.

⁵ **ENTREVISTA II com Agente de Comunicação Comunitária de 2013 a 2015.** Entrevistador: Denise de Faria de Souza. Alta Floresta, 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 12 min.).

⁶ **ENTREVISTA II com Agente de Comunicação Comunitária de 2013 a 2015.** Entrevistador: Denise de Faria de Souza. Alta Floresta, 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 12 min.).

No entanto, mesmo com grandes estímulos recebidos no encontro regional, ao se depararem com a realidade de suas comunidades, as bases não se despertaram consideravelmente a ponto de concretizarem ações dentro de suas localidades, como era esperado. No entanto, a forma de contextualizar as problemáticas do meio que se vive e despertar para os problemas coletivos eram mais notados nos diálogos com as bases.

Produções audiovisuais foram incentivadas e efetivadas pelos grupos, assim como, neste mesmo ano, o jornal Muvucando aparece em uma versão online, promovida e alimentada pelo coordenador de comunicação. A intenção da proposta online era de dar mais visibilidade aos produtos elaborados pela Rede. Contudo, o projeto não apresentou continuidade. A alta demanda de atividades sugeridas para as bases apresenta-se como um dos fatores aceitáveis para justificar a descontinuidade desta frente de trabalho, haja visto que o presente estudo vê o meio online como um estímulo-atrativo para incentivar os trabalhos do grupo analisado.

O cenário do grupo de comunicação visto entre os anos de 2013 e 2014 foi novamente reavaliado e postuladas formas assertivas para continuar com esta frente de incentivo aos jovens verem de uma forma melhor a vida no campo e estimular a permanência. Neste período, estava em pauta a abordagem do segundo curso de formação para jovens.

Em meio às discussões, estabeleceu-se que a temática da Agroecologia, já abordada no primeiro curso, poderia ser suprida por outras frentes do Sementes do Portal. Levando em consideração os resultados obtidos com as bases de comunicação, foi avaliado, portanto, a importância da continuidade de trabalhar as temáticas que tratassem de comunicação e mobilização social, mas que agregassem conhecimentos acerca da realidade política vivida e a explicação de alguns conceitos comumente abordados no cotidiano das



famílias do campo.

Em novembro de 2014, teve início o curso de Formação Política e Mobilização Social, no total de 35 vagas, tendo como alvo os jovens que faziam parte das bases de comunicação e nomes indicados pelos conselhos de cada comunidade. Assim como no primeiro curso de formação, o Plano Pedagógico (2014) traçava como perfil pretendido os jovens moradores do perímetro rural, com intenção de permanecer no campo e/ou com participação em atividades relacionadas à comunidade e na faixa etária de 16 a 28 anos. No entanto, este último pré-requisito era flexível ao interesse do jovem e à visão do conselho gestor sobre ele.

Neste ponto do processo, o curso de formação vem ao encontro de um trabalho maior sobre a construção intelectual que refletiria nos produtos feitos para divulgação nas comunidades por meio do Muvucando. O curso contou com seis módulos ao longo de um ano (2014-2015), que tratavam sobre assuntos como: Capitalismo, Trabalho Escravo, Agricultura Familiar X Agronegócio, além de assuntos de capacitação comunicacional. Temas que pela própria avaliação dos jovens participantes desconstruíram algumas ideias que tinham da realidade, nortearam-lhes pra uma percepção mais clara dos “porquês” da existência de classes sociais diferenciadas e qual a luta que o homem do campo vem encarando ao longo de sua história no Brasil.

No decorrer do ano de 2015, as atividades com os grupos de comunicação na produção do Muvucando prosseguiram com a voz dos jovens, porém, em um processo de transição de coordenação, as relações ficaram um pouco distantes até se estabelecerem novamente, o que não provocou danos, pois nesse momento as bases já estavam fortalecidas e atendendo a demanda. A intermediação do coordenador de comunicação passou por uma nova avaliação, visto que as demandas na sede do Instituto deveriam ser supridas de imediato.

No entanto, neste momento, as relações estavam mais acessíveis pelo curso de Formação estar em desenvolvimento e o contato com grande parte do grupo que também era integrante de bases de comunicação não exigia o deslocamento contínuo a campo. As bases que não participavam do curso, justificadas por motivo de estudo ou trabalho, recebiam acompanhamento via telefone e visitas esporádicas.



1.3 O Muvucando e as parcerias com as escolas

O curso de formação se estendeu até o maio de 2016, finalizando com o total de 17 jovens de cinco municípios, visto que o Projeto contava com a participação de oito municípios integrantes, já que ao longo do processo Nova Santa Helena se desligou das atividades. Constata-se que, neste momento, o grande incentivador das estratégias de comunicação aos jovens agentes comunicadores do campo dentro do Projeto é o curso de Formação, que promove os encontros entre comunidades diferentes e capacita intelectualmente e tecnicamente as bases para atuações mobilizadoras.

Ainda no ano de 2016, após o fechamento do curso de formação, observou-se que os jovens que pertenciam às bases estavam em período de ingresso nas universidades e outros necessitavam se dedicar integralmente ao trabalho. Reafirma-se a necessidade de estabelecer uma parceria formal com as escolas rurais, dado ao fluxo contínuo de jovens e o apoio direto de professores, inserindo o conceito de educação ambiental e comunicação, além da preocupação em estabelecer um contrato legal com um órgão instituído.

Logo, foi preciso estabelecer o contato com a direção de cada uma das escolas apontadas pelos técnicos do projeto como referências. A presente pesquisa inicia o acompanhamento do objeto do estudo na construção deste diálogo com as instituições. Compreender a realidade que os atores locais trazem à coordenação de comunicação do Instituto Ouro Verde, organização da metodologia ideal para ser aplicada ao grupo e mapear as instituições com potenciais de engajamento maior.

As visitas com o propósito de firmar parceria com as escolas ocorrem de março a julho de 2016. Fica a critério de cada escola estabelecer as bases de comunicação que representaram a comunidade. Nas escolas dos municípios de Apicás, Terra Nova do Norte e Nova Guarita, já haviam iniciativas de grupos de comunicação e/ou mídias incentivados pela própria instituição antes da parceria com o Muvucando.

Nas comunidades Santa Lucia e Jacamim, em Alta Floresta, haviam pequenas iniciativas fomentadas por jovens que pertenciam às antigas bases



de comunicação e/ou participaram do curso de Formação Política e Mobilização Social. Nestas localidades, detectou-se que o estímulo dado pelos jovens que já conheciam o Muvucando incentivava o trabalho coletivo.

As bases de comunicação de Colíder e Nova Canaã do Norte se organizavam antes, sem a mediação de escola. O grupo de Colíder alimentava iniciativas de comunicação nas comunidades através de um jornal comunitário, e foi identificado como a base que mais avançou em termos de ações, considerando que todos os participantes também foram integrantes do curso de formação. Visto que seus participantes eram jovens de 15 a 17 anos, a parceria com uma escola para dar assistência aos alunos foi formalizada.

Em Nova Canaã do Norte, os três membros da base de comunicação estão envolvidos com as demais frentes desenvolvidas pelo Sementes do Portal. É uma base composta por jovens adultos, dessa forma, não seria preciso a parceria com escola.

Ainda não existia uma visão do potencial prático de cada grupo, dado que mesmo com a presença de alguns jovens já integrados nas ações de comunicação, no aspecto coletivo ainda era preciso um amadurecimento. Para tal, as oficinas proporcionadas por meio da pesquisa participante funcionaram como forma de introduzir conceitos de comunicação comunitária e produção escrita.

1.3 Perfil dos Jovens

Analisar o perfil dos jovens que participam do processo de produção do jornal Muvucando no decorrer dos anos é fundamental para avaliar a eficiência da metodologia proposta pela equipe e ao mesmo tempo compreender as realidades vivenciadas por este grupo.

Neste aspecto, vamos considerar apenas o grupo de escopo deste trabalho: jovens com participação no Muvucando, o que acontece a partir do ano de 2013, na segunda fase do projeto Sementes do Portal. Neste momento, o grupo recebe jovens de faixas etárias variadas, de 14 a 20 anos, indicados por técnicos junto aos conselhos locais. Como critério para as indicações, era solicitado jovens participativos nas atividades locais. No entanto, foi notado que



algumas indicações usaram o critério de afinidade.

Nesta fase inicial de aproximação da dinâmica comunicacional, a figura do técnico se tornava fundamental para trazer esclarecimentos maiores aos jovens e às famílias dos jovens, além de agir como incentivador deste trabalho. Observa-se que os jovens mais motivados pertenciam a comunidades onde os técnicos iam além da função de assistência técnica do campo, atuando também como motivadores das demais frentes de trabalho do Sementes do Portal. Pudemos concluir que a boa comunicação interna entre técnico do campo e coordenador de comunicação seria o primeiro passo para o fortalecimento das ações iniciais.

Neste primeiro momento, em que o valor de contribuição era passada diretamente para os jovens, existem relatos de participação por interesse, sendo este tipo de conduta inversa aos valores intrínsecos que se pretendiam alcançar com a comunicação horizontal, considerando também que tal frente não visava um valor profissionalizante, mas uma prática de mobilização e mudança da visão dos jovens para a realidade do campo. Tal fato deve ser considerado em meio ao processo do formato, já que é a partir deste tipo de observação que se repensam formas de organizar um grupo.

Integrar o agente comunicador em bases de comunicação levou em consideração as experiências já vividas junto ao pensamento dos jovens em trabalhar de forma coletiva, pois, dessa maneira, o recurso que antes beneficiava apenas uma pessoa, com a reestrutura da dinâmica, contribuiria para o coletivo. O amadurecimento intelectual em relação às responsabilidades já era um fator adquirido pelo grupo nesta etapa.

A produção escrita era exercitada com a intenção de facilitar o processo. A pretensão era que as bases produzissem seus materiais de forma mais livre possível, distantes de conceitos de gêneros ou técnicas jornalísticas. A prioridade era o amadurecimento sobre as problemáticas vividas no campo e, nesse sentido, foram notados avanços.

No próximo capítulo, os conceitos de comunicação comunitária serão discutidos para que possamos nos aprofundar no processo de comunicação do jornal Muvucando.



2. Comunicação Comunitária

2.1 Comunicação Comunitária no Brasil

Para entendermos o conceito de comunicação comunitária, inicialmente, nos apropriamos do conceito de comunidade. Recuperando as características inerentes à globalização, nota-se o distanciamento das realidades atuais com alguns valores detectados no âmbito do local, comunitário e familiar. Tais valores retomam conceitos intrínsecos das relações pessoais, que constroem a identidade de cada indivíduo e os individualizam ao mesmo tempo em que os unem em comunidades, por suas características em comum.

De modo geral, a palavra “comunidade” nos leva à sensação de bem comum e solidariedade, sendo elementos por vezes rebuscados na dinâmica da moderna, como forma de fuga dos conflitos e busca por segurança. Alguns pensadores clássicos já compreendiam de diversas formas o conceito de comunidade. O primeiro a ser citado é Max Webber (1973), que compreendia sociedade como algo amplo com situações heterogêneas.

Uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termos médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo (WEBBER, 1973, p. 140).

Com isso, Webber explora as relações afetivas como uma caracterização de comunidade, mas também compreende a atitude em sociedade como algo que pode ou não ser parte do consenso da comunidade. Da mesma forma, compreende Ferdinand Tönnies(1973), que também considera as relações sanguíneas como forma de comunidade e caracteriza três gêneros de comunidade: 1) parentesco 2) vizinhança 3) amizade. A primeira são os laços de sangue e compartilhamento da vida em comum na mesma casa. A segunda forma tem relação com as proximidades geográficas que aproximam as pessoas pelo sentimento mútuo de confiança. A amizade se dá na construção a laços criados pelos modos de pensar em comum, no trabalho ou religião.



Já Marcos Palácios, autor moderno, amplia a conceituação de comunidade por meio da avaliação de novos elementos. Palácios (2001) defende algumas características fundamentais para conceituar comunidade: sentimento de pertencimento, sentimento de comunidade, permanência, territorialidade (real ou simbólica) e formas próprias de comunicação entre o grupo.

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (a distância), mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (PALÁCIOS, 2001, p.7).

Encaramos, neste sentido, a localidade geográfica de maneira secundária, não mais um limitante para caracterizar uma comunidade, sendo o fator pertencimento ideológico o grande apontador da formação de comunidades. Com isso, visualizamos o surgimento de diferentes tipos de comunidades ligadas por seus objetivos em comum. No contexto globalizado e democrático que vivenciamos podem proporcionar atitudes individualistas, salientando a importância do desenvolvimento de projetos que visem o bem coletivo. Para impulsionar a articulação comunitária é nascer os processos de mobilização social.

Segundo Peruzzo (2002), o contexto mobilizador do Brasil nas últimas décadas tem destaque por ações inovadoras, organizadas por redes de movimentos sociais, que promovem iniciativas que visam a justiça social e participação cidadã. São concepções novas para entender o conceito de comunidade.

Passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, a confluência em torno de ações tendo em vista alguns objetivos comuns, constituição de identidades culturais em torno do desenvolvimento de aptidões associativas em prol do interesse público, participação popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas (PERUZZO, 2002, p.290)



A partir destas concepções de comunidade, entenderemos o processo de relações que resulta em três diferentes conceitos de comunicação comunitária, usado aqui como o sinônimo de comunicação popular segundo PERRUZZO (1998, p. 152). O Primeiro é quanto ao valor folclórico de manifestação cultural emergentes do povo, o segundo diz respeito ao que entende-se como popularesco (massivo), o qual se divide em três conotações: costumes culturais (religião e linguagens) “do povo” apropriadas por meios de comunicação de massa. No que entende-se como popularesco, programas da mídia de massa que tem grande audiência com público com pouca instrução (classe sociais baixas) como exemplo de programas de auditórios e novelas. O terceiro ponto diz respeito da utilidade pública, programas que tratam assuntos de interesse de uma comunidade. E por fim, o conceito que utilizaremos como base para compreender a evolução mais complexa, diz respeito a comunicação comunitária como meio alternativo a comunicação de massa.

Identificamos, então, que trata-se de emponderamento da palavra por uma comunidade, que por sua vez nos remete a um grupo de pessoas que compartilham de realidades semelhantes em diálogos horizontais na busca de objetivos comuns.

[...] A comunicação comunitária pressupõe a existência de uma práxis que vai além do simples estar próximo ou compartilhar das mesmas situações. Pertencer a uma mesma etnia ou morar num mesmo bairro ou usar o mesmo transporte coletivo, não quer dizer que existam relações comunitárias. A comunidade se funda em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros. (PERRUZZO, 2008, p.377)

A comunicação comunitária surge no Brasil vinculada a movimentos sociais populares no final dos anos 70 e nos anos 80, como forma de expressão das parcelas subalternas da população sobre necessidades coletivas e em contraposição às limitações impostas pelo regime militar. Conhecida também como contra-comunicação, não é considerada um tipo qualquer de mídia, pois emerge da ação de grupos populares.

A natureza político-social deste gênero se caracterizou como comunicação alternativa por ser uma alternativa à grande mídia, que já na época tinha vínculos políticos e econômicos com a classe social dominante e



passava por rígidos critérios de censura. Desta forma, este novo formato de comunicação se apresentava por meio de folhetins, panfletos, jornais e alto-falantes.

Em síntese, a comunicação popular, alternativa e comunitária é expressão das lutas populares por melhores condições de vida, a partir dos movimentos populares, e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (PERUZZO, 2008 p.370)

Os canais alternativos eram os espaços usados para a divulgação de tais conteúdo. Eram exemplos os jornais PIFPAF, lançado em 1964; Pasquim (1969); Posição (1969); Opinião (1972); Movimento (1975); Coojornal (1975); Versus (1974); De Fato (1975); Extra (1984). Peruzzo (2008 p.370) ainda contextualiza que uma das características em comum entre eles era o posicionamento esquerdista e a ligação de seus editores ou jornalistas ligados com a pequena burguesia. Desta forma, posicionavam seus escritos como forma de oposição ao regime militar e todo o cenário político da época. Tais periódicos alternativos circulavam no mesmo cenário que os folhetins, informes sindicais e de demais movimentos sociais.

A história da comunicação comunitária está predominantemente ligada à construção das grades das emissoras de TV e rádio que ignoravam conteúdos produzidos por tal parcela da população, mesmo com o aumento do número de concessões, o que não barrou o crescimento deste gênero, principalmente no rádio, que atualmente apresenta cerca de 4.377 rádios comunitárias outorgadas pelo Ministério da Comunicação.

Tal ampliação levou os canais de massa a ampliarem seus temas para assuntos menos acessados pelo grande público e mais voltados à comunicação popular, como temas sobre o desenvolvimento local em suas variadas perspectivas e, com isso, os olhares que antes estavam alheios a estas realidades, ganham espaço em grandes canais.

Na TV, o mapeamento dos canais que direcionam olhares para as



comunidades estão nos canais fechados com transmissão à cabo e programas específicos. São diversos canais que em sua grade inserem programas voltados à realidade de comunidades ou assuntos voltados à reflexão social, sem fugir do que norteou este gênero em seu princípio.

Com o passar do tempo, o caráter mais combativo das comunicações populares –no sentido político-ideológico de contestação e projeto de sociedade– foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais (quanto a tratamento da informação, abertura à negociação) e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura, o que não significa dizer que a combatividade tenha desaparecido. (PERUZZO, 2008, p. 373)

2.2 A comunicação comunitária e a construção da cidadania

A lógica jornalística predominante obedece o sentido de geração de capital, o que centraliza a prática de atuação, por diversas vezes, nas metrópoles do país. A produção refém dos anunciantes limita a busca por atender os variados recortes de realidade existentes e distancia a indústria jornalística de uma das funções que estruturam a profissão: incluir o máximo de vozes possíveis para retratar e alcançar a diversidade de público.

A comunicação ainda não alcança adequadamente muitos lugares do país. Há uma distribuição geográfica desequilibrada dos grandes meios. Em parte isto se deve ao caráter comercial da maioria deles, que preferem localizar-se nas cidades porque a residem a maioria da população consumidora. (BORDENAVE; PEREIRA 2001, p. 15)

A consequência da limitação do alcance é a geração de novas maneiras de se fazer jornalismo, como o jornalismo comunitário, que tem por objetivo dar voz à comunidade. Este tipo de jornalismo atende também a um direito instituído pela Constituição Federal, no artigo 5º, sobre os direitos e deveres individuais e coletivos.

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança



e à propriedade, nos termos seguintes: IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; [...] IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; [...] XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional. (BRASIL,1988, p.2)

As premissas instituídas em leis estão reafirmadas no código de ética do jornalista, emitido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). O código esclarece que é dever do jornalista se comprometer com responsabilidade social e cidadã de acesso à informação. Consequentemente, a comunicação em geral é concebida visando o direito à informação e à função de proporcionar conhecimentos de utilidade pública a toda a população.

Tais premissas nos levam à compreensão de que a imprensa tem o poder na construção do pensamento crítico, já que facilita o acesso às informações que são a base do conhecimento e do empoderamento cidadão sobre sua própria realidade. Tomando como afirmativa a impossibilidade da grande mídia de se apropriar dos discursos das múltiplas comunidades existentes no país, a efetivação de uma comunicação comunitária pode surgir para atender os diferentes nichos e, em princípio, por meio dos movimentos sociais, esses movimentos, que constituem a base do surgimento do jornalismo comunitário, abarca temáticas pouco exploradas pelos os grandes meios e que no âmbito local ganham grande visibilidade. São discutidos temas como os direitos no acesso a serviços públicos como educação, saúde, transporte, moradia, segurança, enfoque nas jornadas dos trabalhadores, no direito das mulheres, dos negros, além de discussões sobre agricultura, ecologia e direitos agrários.

Essa comunicação não chega a ser uma força predominante, mas desempenha um papel importante da democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores, como no fato de se constituir em processo educativo, não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no quefazer comunicacional e nos próprios movimentos populares [...] (PERUZZO, 2005, p. 03)

Um princípio dos meios de comunicação comunitária por iniciativa de



movimentos sociais é a formação de grupos que desenvolvam a responsabilidade sobre os materiais desenvolvidos, além da produção sem fins lucrativos, o que deixa claro a relação horizontal e democrática entre os participantes.

O espaço na mídia comunitária é um campo de conflitos. Não há um modelo único, apesar de existirem características centrais que a caracterizam. Cada vez mais a comunicação comunitária vai se revelando numa pluralidade de formas e mostrando sua validade no contexto das comunidades, mesmo que não expressem mecanismos puros de autogestão. Contudo, há que se distinguir o que é aceitável e válido em matéria de comunicação local, daquilo que é simples apropriação de um espaço garantido legalmente às práticas associativas comunitárias, para uso individualizado com finalidades comerciais ou para o proselitismo político partidário e religioso (PERUZZO, 2004, p. 3).

A relação cidadã neste meio não se distancia da função educacional que existe na comunicação. Muito já se tem visto sobre o fato da comunicação e da educação terem relações indissociáveis e, neste mesmo sentido, são componentes da construção cívica de uma comunidade ou grupos de pessoas. Nesse aspecto, a comunicação comunitária se mostra um meio de fortalecimento desta via, além de ser um canal de consolidação de identidade e instrumento mobilizador, à medida que possibilita o espaço para discussão, acesso à informação e facilita a prática consciente de atitudes postas em reflexão.

O conceito de cidadania vem do direito a pertencer a uma nação, além de estabelecer à pessoa os cumprimentos dos deveres e direitos – individuais e coletivos – estabelecidos em lei.

Para Aristóteles, cidadania era um “status” privilegiado do grupo dirigente da cidade-estado. No Estado democrático moderno a base da cidadania é a capacidade de participar no exercício do poder político por meio do processo eleitoral (PERUZZO, 1998, p.286).

O termo cidadania pode denotar a passagem da figura do súdito para do cidadão, no momento em que foi conquistado o direito do corpo populacional de se envolver nas decisões da nação. Por fim, o ser cidadão é resultado de



uma construção social que se delineou ao longo da história e esta conquista se deu também por meio das ações de cidadania e educação, tema que será tratado mais especificamente no próximo tópico.

2.3 A comunicação como vínculo entre cidadania e educação

O processo educacional se constrói em mutualidade com o processo cívico, ao passo em que ambos são resultados de construções sociais e se apresentam como direitos fundamentais perante a lei. Segundo Vila Nova (1995, p.158) garantir a educação é tão necessário quanto a continuidade biológica, pois é pela transmissão de valores, símbolos e crenças que uma sociedade se constitui.

A formação de uma comunidade atuante e crítica pode ser efetivada usando-se da comunicação atrelada ao exercício cidadão e, conseqüentemente, esta ação resulta em uma contribuição educacional.

Educação significa educar para a sociedade. E a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social. E também educar para a convivência social e para a cidadania, para a tomada de consciência e exercício dos direitos e deveres do cidadão. (PERUZZO, 1999, p.211)

As escolas podem ser vistas como espaços adequados para o diálogo sobre construção cidadã, no entanto, nos deparamos com dois fatores importantes a serem considerados. O primeiro diz respeito ao cenário atual que o sistema educacional proporciona aos jovens brasileiros. A debilidade estrutural distancia a construção de conhecimento à reflexão sobre o que de fato são ações que nos colocam como seres cidadãos. O segundo diz respeito à prática para além das salas de aula, haja vista que outras instituições também se mostram como canais de discussões e mobilização dos cidadãos, o que pode gerar um meio alternativo para que aconteça a aproximação de conceitos político-sociais mais presentes em diversos âmbitos da sociedade e até mesmo uma forma de reestabelecer vínculos com as escolas.

A formação do conhecimento contemporâneo se dá para além da educação formal, numa dinâmica de múltiplas mediações sociais.



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

Expressiva porção de conteúdos assimilados pelas pessoas e absorvida através dos meios de comunicação de massa (BARROS, 1997, p. 28)

No mesmo sentido, Jesús Martín-Barbero (2000, p.55) afirma que a escola não é o único espaço que legitima o saber, reconhece a existência e relevância dos demais canais que proporcionam a geração de conhecimento e alerta: “Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.55).

Barbeiro está se referindo à diversidade de canais de comunicação que geram conteúdos diversificados, dando às novas gerações informações sobre os mais variados pontos de vistas. A intenção do autor é criar a relação com a educação convencional e as novas tecnologias no aspecto comunicacional no quadro dos países de terceiro mundo.

Uma sociedade bem informada também é uma sociedade mais crítica e menos corrupta. A capacidade de leitura, escrita e interpretação dos mais variados tipos de discursos qualificam bons cidadãos que, por sua vez, estarão mais capacitados para compreender seu alcance de participação democrática e em efetuar melhores escolhas sócio-políticas e comunicacionais, uma vez que fica mais fácil reconhecer as linhas editoriais de cada meio.

O fator saber e poder é outro aspecto da relação social que se constrói entre comunicação, educação e cidadania. O valor da informação expressa implica em diferentes consequências ao sistema social.

O saber foi sempre fonte de poder, desde os sacerdotes egípcios aos monges medievais ou, atualmente, aos assessores dos políticos. Dos mosteiros medievais às escolas de hoje, o saber conservou esse duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, centralizado e personificado em figuras sociais determinadas. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54)

As ferramentas de comunicação, em especial a comunicação comunitária por meio de movimentos sociais, podem ser consideradas facilitadoras da ampliação da cidadania, já que geram um processo educacional distante do ambiente escolar. A participação das pessoas na produção de mensagens para a comunicação comunitária estimula e capacita as pessoas para se tornarem



protagonistas das situações.

Os sujeitos que se propõem a tomar posse das ferramentas comunicacionais ficam mais abertos para a discussão de sua própria realidade e sobre a realidade mostrada nos meios massivos. O fortalecimento de debates e olhar crítico para a esfera social é um sinônimo de crescimento educacional aplicado à cidadania.

2.4 Os meios rurais e o suporte comunicacional

Um campo que sofre pelo distanciamento do campo comunicacional são as comunidades rurais do Brasil. A distribuição de terras deixou milhares de famílias distantes dos grandes centros, algumas incomunicáveis. O acesso a transporte, educação e saúde se tornam, por vezes, um desafio para os moradores. E para combater os desafios é preciso a reavaliação sobre as questões rurais.

A complexidade das relações produtivas e a reorganização do espaço rural pela globalização tornaram o espaço rural com uma nova dinâmica, marcada pela revalorização da natureza e pela interligação econômica entre os setores econômicos. (SOARES, 2006, p. 46)

As áreas rurais no Brasil somam 398 hectares, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (2015)⁷, incluindo grandes e pequenas propriedades. Atualmente, o cenário dos pequenos agricultores tem ficado cada vez mais complexo. Desde a inserção de máquinas no campo, o índice de êxodo rural cresce. No entanto, dos fatores que impedem a permanência no meio rural, a mecanização é a menos agravante.

A assistência na área educacional se mostra como um dos fatores mais visíveis de saída das famílias do campo. O outro é a falta de emprego. Porém, educação e emprego podem ser questões trabalhadas mutuamente, partindo do princípio de que um meio que investir em educação também oportuniza campos de atuação profissionais. O que vemos, contudo, é o fechamento de escolas rurais. Só no ano de 2014, o país fechou oito escolas rurais por dia.



⁷ BRASIL. MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário (Org.). **12 anos de transformações, lutas e conquistas**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2015. 87 p. Disponível em:

<[http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_19/12 anos.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_19/12%20anos.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Por meio governamental, a parcela rural do Brasil obtinha assistência técnica, o chamado extensionismo rural, que era uma forma de contribuição que tinha por objetivo direcionar as práticas de desenvolvimento da agricultura familiar.

Os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural – Ater, foram iniciados, no país, no final da década de quarenta, no contexto da política desenvolvimentista do pós-guerra, com o objetivo de promover a melhoria das condições de vida da população rural e apoiar o processo de modernização da agricultura, inserindo-se nas estratégias voltadas à política de industrialização do país. (Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2007, p. 4)

Este serviço, que inicialmente era privatizado, passou por diversas reestruturações tornando-se responsabilidade do governo. Porém, as discussões acerca do formato eram recorrentes. Mesmo porque o formato inicial que pretendia aliar tecnologia ao campo não foi bem sucedido e ao invés de fortalecer os agricultores, impulsionou o processo de saída do campo. Durante esse período, a população rural é transfigurada em mera receptora das políticas governamentais de desenvolvimento do meio rural (CALLOU; TAUKE SANTOS, 2001). Em 2003, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Decreto Nº 4.739, de 13 de junho daquele ano, formalizou a responsabilidade do MDA para dar um caráter novo à Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater).

A organização de uma proposta de Política Nacional de Assistência Técnica Rural (Pnater) foi possível a partir de diálogo democrático entre órgãos governamentais, não-governamentais, movimentos sociais, representantes dos agricultores e demais instituições, para chegarem em consenso sobre as diretrizes desta nova forma de apoio à agricultura familiar, emitido pelo MDA em 2004, que estabelece a missão da Ater:



Participar na promoção e animação de processos capazes de contribuir para a construção e execução de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, centrado na expansão e fortalecimento da agricultura familiar e das suas organizações, por meio de metodologias educativas e participativas, integradas às dinâmicas locais, buscando viabilizar as condições para o exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da sociedade (BRASIL, 2004, p 8-9).

O campo de atuação dos extensionistas antes se resumia na aplicação técnica, que sujeitava os agricultores à dependência e alienação. A nova Ater tem como princípio empoderar o agricultor dos conhecimentos técnicos, sem desconsiderar os conhecimentos já adquiridos pela prática, visando a quebra de hierarquia de saberes.

Agora, há a busca por metodologias participativas que democratizem a relação entre agricultor e extensionista.

Um dos princípios instituídos na Pnater, está o de desenvolver processos educativos e continuados, como forma de reafirmar a metodologia pretendida na aplicação de assistencialismo. “A nova Ater exige uma visão holística e o estabelecimento de estratégias sistêmicas e não apenas métodos apropriados para uma difusão unilinear e unidirecional de tecnologias, próprios do difusionismo” (CAPORAL, 2005, p. 11)

Para dar subsídios às práticas de Ater, a Comunicação Rural aparece como uma via efetiva para o fortalecimento da prática, pois ela pode simplificar os conceitos passados pelos técnicos e em uma esfera maior, uma ferramenta de mobilização.

A comunicação Rural é considerada hoje um importante fator de desenvolvimento. Ela é concebida como um fluxo de dupla via, programado e sistemático, de mensagens informativas, motivacionais e, ou, cognoscitivas, intercambiadas pelos diversos setores sociais envolvidos, com o fim de facilitar sua ação recíproca e fazer mais consciente, organizada e efetiva sua participação no desenvolvimento rural (BORDENAVE, 1988, p.13)

Um dos primeiros autores a discutir a comunicação como ferramenta de



educação foi Paulo Freire, que a apresentou como uma via de humanização dos homens e práticas de extensionismo. Trata-se de uma relação em evidência na atualidade, o que será tratado no Capítulo 4 deste trabalho, quando aprofundaremos nos princípios educacionais.

Mas mesmo quando não venho tratando desses chamados meios de comunicação em trabalhos anteriores, mesmo quando não falo diretamente sobre eles, eu os considero, por exemplo, dentro do horizonte geral da teoria do conhecimento que venho desenvolvendo nos meus trabalhos sobre educação. (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p.40).

A função cidadão, já originalmente estabelecida na comunicação, reflete também na atuação comunicacional nos meios rurais, visto que o acesso a meios de comunicação é limitado nestas localidades, o que restringe os moradores a procurarem meios de comunicação mais antigos como a TV e o Rádio, e dentro desses meios, ter mais acesso e preferência por canais de massa.

Uma outra perspectiva que integra o meio ambiente e contribuições sociais- cidadãs está presente no jornalismo especializado na forma do jornalismo ambiental. Seus conceitos, aplicações e particularidades serão expostos a seguir.

3. Jornalismo ambiental: definições e características

Neste capítulo trabalharemos os conceitos de jornalismo ambiental, comunicação ambiental que estão interligados aos assuntos e atividades que envolvem o jornal Muvucando. São pontuações necessárias para relacionar a perspectiva das grandes mídias à comunicação comunitária e a presença da educação ambiental neste processo. A definição de jornalismo ambiental considerada para este trabalho é dada por Trigueiro (2010):

Chama-se Jornalismo Ambiental a especialização quer ela no contexto acadêmico e/ ou de experiência da profissão jornalística, nos fatos relacionados ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e a natureza, principalmente quando se trata em relatar sobre a sustentabilidade e da biodiversidade (TRIGUEIRO, 2010, p.7)



Parte integrante do jornalismo especializado, o jornalismo ambiental é uma vertente em ascensão nos meios de comunicação e também nos estudos acadêmicos, tendo em vista que o tema ainda passa por um processo constante de conceituação, haja vista a complexidade da prática e do alcance de sua efetivação.

A dimensão ambiental trabalha com o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, induzindo a uma leitura da realidade onde tudo está conectado, interligado e relacionado e não como o conhecimento encontra-se no mundo moderno: fragmentado, compartimentado em áreas que, muitas vezes, não se comunicam (TRIGUEIRO (2003) apud SOUSA; BARRETO; ALBUQUERQUE, 2004, p.4))

É, então, por meio deste alcance multidisciplinar que implica o caráter predominantemente sistêmico que o jornalismo ambiental tem a característica de interligar temas e o potencial de abarcar em seu conteúdo diversas editoriais como: políticas, sociedade, saúde, segurança, economia e educação. Esta especialização do jornalismo não se restringe a estudos da fauna e flora ou catástrofes naturais. Como coloca Bueno (2007 p.6), do jornalismo ambiental deve ir além da espetacularização da tragédia ambiental.

Para Trigueiro (2008, p.13), em sua discussão sobre *Meio Ambiente no Século 21*, é preocupante o fato de uma maioria popular não se sentir pertencente ao meio ambiente, pois olham as questões ambientais com distanciamento. O autor considera, então, que a expansão da consciência ambiental só é alcançada quando o indivíduo também se sente parte integrante do meio e, conseqüentemente, se envolve nas problemáticas.

As questões ambientais estão presentes em tudo que permeia a vida do homem na Terra, desde as necessidades básicas aos incrementos do mundo tecnológico. Segundo Bueno (2007), o jornalismo ambiental é resultado de militância cívica e alerta para as percepções acerca da prática desse gênero.

O jornalismo ambiental precisa ter um caráter revolucionário, comprometido com a mudança de paradigmas, deve enxergar além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriaram da temática ambiental para formar ou reforçar a imagem. Deve suspeitar sempre do discurso pretensamente



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

preservacionista de governos e organizações, buscando contemplar, além de ações isoladas, quase sempre utilizadas como recursos mercadológicos ou propagandísticos (BUENO, 2007, p. 17)

Bueno (2007, p.38) ainda esclarece, em sua literatura, que a forma de tratamento sobre os assuntos ambientais de forma simplista e superficial é uma conduta guiada pelos interesses dos meios de comunicação de massa e instituições. Para reforçar esta convicção, podemos observar as grades oferecidas nos meios de comunicação de massa (televisão, em especial) e analisar como são conduzidas as pautas relacionadas ao meio ambiente.

O formato dos veículos não favorece a sistematização dos assuntos. A busca por objetividade e otimização do tempo com pautas de interesse comercial e a segmentação em editorias ofusca a busca pela interrelação com demais temas, além do econômico ou técnico-científico. É um processo que distancia o público do cerne das problemáticas e diminui a relevância social diante os outros assuntos explorados, criando um público desinteressado pelo assunto.

Para entender como o jornalismo ambiental deveria lidar com as questões sobre meio ambiente, é preciso compreender, antes, o conceito de meio ambiente que permeia esta questão. Para tanto, tomamos a origem da palavra meio ambiente e as concepções de Trigueiro (2008) para compreender a raiz do objeto trabalhado.

O sentido mais amplo está na expressão "meio ambiente", que reúne dois substantivos redundantes: meio (do latim *mediu*) significa tudo o que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos; e ambiente, palavra composta de dois vocábulos latinos: a preposição *amb(o)* (ao redor, à volta) e o verbo *ire* (ir). Ambiente, portanto, seria



tudo o que vai à volta. Mas dizer que meio ambiente é tudo seria simplificar demais a questão. (TRIGUEIRO, 2008, p. 77)

Aproximar o conceito de meio ambiente à atitudes que impulsionem modos de contribuir com o ambiente em que se está inserido está diretamente relacionado com a escolha por metodologias de acesso a informação com o jornalismo ambiental. Pelo fato desta vertente jornalística ter o potencial multidisciplinar e nem sempre entendida por todos, é sugerido por alguns autores que seja assumida uma postura esclarecedora e por vezes pedagógica, assim como para Bueno (2007, p. 3) quando elenca três funções principais do jornalismo ambiental e, entre elas, a função pedagógica, que diz respeito a explicações sobre as relações de causa e apontamento de soluções, dando um caráter cidadão ao produto. É o que também aponta José Antônio Oliveira (2002) em entrevista concedida a Roberto Belmonte:

A imprensa tem um papel fundamental de informar e educar a população sobre temas de interesse público, como questões socioambientais. Por um lado tem o papel de investigar e divulgar fatos da forma mais esclarecedora e transparente possível, para que saibamos e possamos moldar nosso comportamento e nossas opiniões sobre o que é certo e errado. Por outro lado, a imprensa deve educar as pessoas, e prepará-las para entender determinados assuntos para que possam fazer suas escolhas de forma independente. (OLIVEIRA, 2002)⁸

Nesse sentido, Belmonte (2004, p.35) alerta para o papel não apenas informativo, mas de engajamento por modelos de vida sustentável e uma perspectiva ecológica e social. É neste ponto que a função da educação ambiental aparece atrelada à prática do jornalismo ambiental.

Outro aspecto importante a ser esclarecido é a diferença entre comunicação ambiental e jornalismo ambiental. Bueno (2007, p.2) conceitua comunicação ambiental como a esfera que engloba o conjunto de estratégias, ações, divulgação e promoção das causas ambientais, sendo o jornalismo ambiental um componente deste campo que se diferencia quanto ao caráter jornalístico, ou seja, deve cumprir com o



dever informativo e ser encontrado nos veículos de comunicação/mídia (imprensa formal e informal). A comunicação ambiental pode ser efetivada por qualquer profissional que não seja jornalista como agrônomos, biólogos, pescadores e afins.

⁸ **Entrevista com José Antônio Puppim de Oliveira**, do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e Fundação Getúlio Vargas (FGV). Entrevistador: Roberto Villar Belmonte, São Paulo-SP, 2002.

Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?isbn=853208554> > Acesso em: 10 nov. 2017

3.2 O papel da educação ambiental na comunicação ambiental

No Brasil, entre os anos de 1973 e 1988, há o registro de institucionalização de políticas nacionais para educação ambiental. Porém, foi durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro, evento que ficou conhecido também como Rio-92 ou Cúpula da Terra, que as políticas ambientais começaram a considerar a educação ambiental como um instrumento e, para isso, houve a criação de instâncias destinadas ao tema. No jornalismo, a conferência marcou a inserção da pauta ambiental nos meios de comunicação.

Em 1999, uma legislação específica tratou sobre a educação ambiental no Brasil, no Capítulo I da Lei Nº 9.795.

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, p. 1).⁹

A implementação da lei insere a prática da educação ambiental nas grades escolares, em consonância com o Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação, contida no Programa de Nacional de Educação Ambiental. Já em 2004, a política de educação ambiental estava sendo assumida pelos módulos de educação à distância e pelo Programa de Jovens e Adultos e passa a integrar as Orientações Curriculares do Ensino Médio.



A inserção da educação ambiental, por meio da educação, evoca a aproximação de conceitos ecológicos e sistematização da sociedade na medida em que coloca em evidência a necessidade de práticas ecológicas e sustentáveis. São termos que reforçam o caráter comunitário desta prática, considerado por Dias (2000, p. 372) uma ferramenta indispensável para geração de jovens e adultos atentos a questões ambientais, bem informados e, por consequência, tomados de uma opinião pública responsável enquanto indivíduos, empresas e comunidade. Esta construção cidadã e ecológica também é citada por Loureiro:

⁹ BRASIL. Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999). Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 5 jan. 2017.

[...] inserção da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais e comunitárias quanto globais, tendo como eixo central o respeito à vida e a defesa do direito a esta em um mundo sem fronteiras geopolíticas. Nesse conceito, amplia-se o destaque ao pertencimento à humanidade e a um planeta único (LOUREIRO, 2002, p. 76).

Tozoni-Reis (2007, p. 127-128) define educação ambiental como uma prática social que dá ao desenvolvimento do indivíduo caráter social relacionados com aspectos humanos e da natureza, no objetivo de potencializar a atividade humana e dar plenitude social e ética ambiental. A capacidade de compreender uma realidade e transformá-la é uma recorrente conceituação da tarefa desta prática, outro conceito que surge atrelado à palavra sustentabilidade.

O conceito, introduzido em 1980 por Lester Brown,¹⁰ definiu comunidade sustentável como “a que é capaz de satisfazer às próprias necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras”. Segundo Silva (2016, p. 46-47), tempos mais tarde, o termo “desenvolvimento sustentável” é apresentado denotando um sentido similar, no documento “Nosso futuro comum” (ou



Relatório Brundtland), resultado dos trabalhos de uma Comissão das Nações Unidas coordenada pela ex-ministra da Noruega Gro H. Brundtland. Tal documento foi elaborado com o objetivo de servir de referência para as discussões que aconteceriam cinco anos depois, na Conferência Rio-92. O documento conceitua desenvolvimento sustentável como “aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações” (BRUNDTLAND, 1988).

Fritjof Capra (2008, p.20), ao revisar os conceitos dados ao termo, alerta para a necessidade de uma definição operacional da sustentabilidade ecológica e propõe planejamentos dos modos de estilo de vida em consonância com as características da biosfera, o que poderá ser efetivado por meio de uma “alfabetização ecológica” das sociedades.

¹⁰Lester R. Brown é Presidente e Pesquisador Sênior do Worldwatch Institute, um instituto de pesquisa privado, sem fins lucrativos, sediado em Washington, destinado à análise das questões ambientais globais e relacionadas ao meio-ambiente.



Os princípios sistêmicos da ecologia junta à educação integrada tem o potencial de proporcionar a visualização de modos sustentáveis pela aproximação do homem à natureza. Uma experiência que denota os conceitos na prática são as hortas escolares, observadas por Capra:

Através desta prática, aprendemos ainda que a horta como um todo está inserida em sistemas maiores que também são redes vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos dos alimentos integram com esses ciclos maiores – o ciclo da água, ciclo das estações, e assim por diante

–, que são todos filamentos da rede planetária da vida (CAPRA, 2008, p. 27).

Tal experiência é característica da inserção da educação ambiental nas escolas. Para o jornalismo ambiental, a educação ambiental é a ponte facilitadora e principal ferramenta para proporcionar intervenções e mobilização social quando coloca às claras fatos que proporcionam a visão cidadã. Autores como Bueno (2008), Trigueiro (2008) e Belmonte (2004) ressaltam que por vezes o jornalismo ambiental toma caráter educacional (pedagógico) quando alcança o entendimento de um maior número de pessoas.

O jornalismo, no contexto urbano, é uma ferramenta de educação ambiental. Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre novos estilos de vida, abrir espaço para ideias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades. Não se trata de substituir livros didáticos por reportagens de jornais, nem transformar as páginas dos diários em apostilas escolares. Eles são complementares (BELMONTE, 2004, p. 35).

No aspecto da comunicação ambiental, a educação ambiental toma um espaço ainda mais abrangente, tendo em consideração que a prática pode ser efetuada por qualquer profissional. A conceituação de práticas toma um caráter ainda mais educacional que no jornalismo ambiental. É preciso, então, o olhar para a aplicação desta prática na área rural, tendo em vista o contexto do público do campo. É possível proporcionar informações aos agricultores que



impulsionem reflexão e mobilização acerca de um aspecto ambiental, considerando as experiências vivenciadas por esse público.

3.2 A pauta ambiental aplicada ao Jornal Muvucando

O Jornal Muvucando, objeto desta pesquisa, usa predominantemente a pauta ambiental, sendo ele uma ferramenta de informação das comunidades rurais dos municípios do norte de Mato Grosso pertencentes ao Portal da Amazônia e participantes do Projeto Sementes do Portal.

A princípio, a linha editorial firmada pelo instrumento de comunicação já nasce alinhada a temáticas do interesse dos participantes do Projeto e a novas práticas de cultivo que proporcionassem o mínimo de impacto ambiental, subsidiados pela sustentabilidade do Território. Neste sentido, a busca por dar ênfase a práticas ditas agroecológicas estão em primeiro plano.

As pautas são discutidas entre bases de comunicação e conselho gestor dos municípios. Deste modo, elencam os assuntos em evidência dentro do projeto aliados aos interesses da comunidade. As bases de comunicação voltam seus olhares (fase 2016) às atividades das escolas, em especial às atividades de educação ambiental que, por vezes, são assistidas pelos técnicos do Projeto.

A prática aplicada da educação ambiental se relaciona com a comunicação comunitária e dissemina aos demais municípios as técnicas de plantio orgânico e combate a pragas usando princípios agroecológicos. A discussão da pauta pode levar as bases de comunicação a colocar em evidência locais históricos/turísticos da sua localidade e questões de ordem pública, como o descaso na construção de pontes de acesso aos moradores. São temas que propõem o olhar cidadão dos jovens para as problemáticas da comunidade, incluindo o sentimento de pertencimento e, por sua vez, a valorização da sua realidade.

3.3 Práticas Agroecológicas

A discussão da aplicabilidade do termo sustentabilidade alcançou diversas



esferas sociais, dentre elas e a mais visível de aplicações práticas é a agricultura. Proporcionar alimentos de forma a mitigar as interferências ambientais é a visão primeira de uma técnica que possibilite a sistematização e, desta forma, proporcionar sustentabilidade ao meio.

Altieri (1989 p. 240) afirma que a agroecologia é uma ciência emergente que tem por objetivo o estudo dos agrossistemas usando-se de conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia. Conhecida também como agricultura não-convencional, a agroecologia ainda alcança gradualmente a adesão de agricultores no Brasil.

A técnica de cultivo conhecida como agrofloresta é parte integrante dos princípios agroecológicos e tem como objetivo trabalhar pela diversidade de espécies florestais utilizando técnicas sistêmicas de cultivo que visem a integração com o ambiente utilizado.

Os Sistemas Agroflorestais constituem sistemas de uso e ocupação do solo em que plantas lenhosas perenes (árvores, arbustos, palmeiras) são manejadas em associação com plantas herbáceas, culturas agrícolas e/ou forrageiras e/ou em integração com animais, em uma mesma unidade de manejo, de acordo com um arranjo espacial e temporal, com alta diversidade de espécies e interações ecológicas entre estes componentes. Nesses modelos de exploração agrícola são utilizadas culturas agrícolas e/ou pastagens com espécies florestais (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008, p.51)

Os sistemas agroflorestais estão fundamentados na imitação do processo natural das florestas. Por esse motivo, trabalham a diversidade de espécies, tanto frutíferas quanto lenhosas, para que o desenvolvimento seja equilibrado e o não uso de agrotóxicos e produtos afins. A utilização desta técnica de plantio é uma opção para os agricultores familiares, já que o número em diferentes produtos cultivados é maior do que no plantio em monocultura. Uma referência na implementação destes sistemas é o agricultor e pesquisador Ernest Götsch, suíço que iniciou seu trabalho no Brasil em 1982. Götsch intitula os sistemas agroecológicos como sintrópicos, pois levam em consideração o desenvolvimento da vida em seu complexo macro:

Os princípios em que a vida se baseia são processos que levam do simples para o complexo, onde cada uma das milhares de espécies, a



humana entre elas, tem uma função dentro de um conceito maior. A vida neste planeta é uma só, é um macroorganismo cujo metabolismo gira num balanço energético positivo, em processos que vão do simples para o complexo, na sintropia. (GÖTSCH, 1997, p.5).

No Brasil, esta técnica se expande gradualmente, sendo mais incorporada por instituições ambientais que colaboram para a distribuição de diversidade de mudas para plantação. Deve-se considerar também que a técnica não é bem recebida por alguns agricultores que optam por meios mais tradicionais.

4. Ciberjornalismo e Educomunicação

4.1 Conceitos de ciberjornalismo

Neste capítulo trataremos os conceitos de ciberjornalismo como uma alternativa democrática para apresentar produtos educacionais como pode vir a ser o jornal Muvucando. O ciberjornalismo se mostra aqui uma via para incluir no ambiente educativo ferramentas que aproximem os jovens de reflexões sociais de suas comunidades.

Para Palácios (2003, p.43), a palavra ciberjornalismo remete ao jornalismo efetivado por meio do suporte tecnológico oferecido pela cibernética, que também pode ser entendido com o jornalismo praticado no ciberespaço. Os computadores são as ferramentas que gerenciam um banco de dados na elaboração do conteúdo sendo, portanto, um exemplo de ciberjornalismo. É preciso, antes, conceituarmos o ciberespaço.

Sugere uma dimensão computadorizada onde podemos transmitir e mover informação e onde encontramos nosso caminho entre dados. O ciberespaço constrói um mundo artificial ou representado, um mundo composto de informações que nossos sistemas produzem e que re- alimentamos neste mesmo sistema. Do mesmo modo que um tabuleiro de xadrez estrutura o espaço do jogo de xadrez dentro de seu próprio mundo de torres e cavaleiros, peões e bispos, a interface do computador também estrutura seu campo de movimentações, hierarquia de arquivos, acessos e distâncias relativas entre pontos de interesse (HEIM, 1993, p. 78-79).



Apesar de apresentarem muitas semelhanças, os conceitos de webjornalismo e ciberjornalismo se diferenciam da seguinte forma para Zamith (2008, p.25) o primeiro se restringe ao novo jornalismo praticado na *World Wide Web* e que o segundo tem um alcance mais abrangente no que se refere ao modo de fazer. O ciberjornalismo pode ser compreendido também como

O jornalismo produzido para publicações na Web por profissionais destacados para trabalhar, tendencialmente em exclusivo, nessas mesmas publicações, em redações digitais, que, por norma, têm um espaço próprio no interior das redações tradicionais” (BASTOS, 2010, p.12)

Em meio às discussões sobre o conceito do termo, o aspecto da considerável influência da internet sobre a produção é consenso entre autores. Como, por exemplo, para Díaz Noci e Salaverría (2003, p.22), que descrevem que “o texto digital deve ser produzido originariamente para o meio eletrônico e não deve, em nenhum caso, constituir uma mera transposição do meio impresso para o digital”.

John Pavlik (2001, apud Zamith) divide o jornalismo de internet por sua evolução em três fases: “a primeira correspondente ao *shovelware*; a segunda à produção para a Internet, já com algum hipertexto e multimídia; e a terceira referente ao desenvolvimento de conteúdos exclusivamente para a Internet” Estes momentos que traçam a história dos avanços tecnológicos se associam as novas práticas do fazer jornalismo e de empoderamento cidadão por novas ferramentas de fácil manuseio, o ciberespaço, portanto, se torna uma ferramenta popular:

As tecnologias digitais têm favorecido, senão o surgimento, a consolidação do jornalismo de tipo cidadão, com a proliferação dos recursos de interatividade, dos blogs, chats e de sites de disponibilização de vídeos que tendem a reconfigurar os valores jornalísticos e a relação entre jornalismo e público. (PAULA; KOCHHANN, 2014, p. 2)

Palácios (1999) postula cinco características do jornalismo desenvolvido para a web: Multimedialidade/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização e Memória. Em um outro artigo, em 2003, o autor acrescentou



o aspecto da instantaneidade, que dá subsídio para a atualização do material informativo deste meio.

Deixe-se claro, preliminarmente, que tais possibilidades abertas pelas Novas Tecnologias de Comunicação (NTC) não se traduzem, necessariamente, em aspectos efetivamente explorados pelos sites jornalísticos, quer por razões técnicas, de conveniência, adequação à natureza do produto oferecido ou ainda por questões de aceitação do mercado consumidor. Estamos a falar, fundamentalmente, de potenciais que são utilizados, em maior ou menor escala, e de forma diferente, nos sites jornalísticos da Web. (PALÁCIOS, 2003, p.3)

Não há como negar o contingente populacional que não usufrui dos recursos proporcionados pelas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) na América Latina em geral, em especial no perímetro rural. Da mesma forma, é inegável a inserção desta parcela nos processos de apropriação por novas tecnologias.

Como exemplo de expansão dessas tecnologias no Brasil, no ano de 2012 o Ministério da Educação (MEC) publicou, pelo Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), que 50 mil estudantes receberiam computadores portáteis em 4.890 escolas de pequeno porte (de 5 a 20 matrículas). Na mesma época, foi anunciada a distribuição de computadores interativos para 30.255 escolas e 5 mil laboratórios de informática em 3.913 escolas, o que atenderia um total de 982.827 estudantes (BRASIL/MEC, 2012) e, desta forma, a introdução de aparelhos tecnológicos, assim como de linhas telefônicas e de internet vem chegando até o campo.

A proposta de inclusão digital leva em consideração os aspectos de inserção de novas tecnologias nas escolas, incluindo os alunos e professores do campo em dinâmicas compartilhadas.

Uma educação pensada também por quem vive, sente e conhece as singularidades da vida nos contextos rurais; que não reforce a desterritorialização desses sujeitos ao incentivar dicotomias entre campo e cidade, mas que mostre e ajude a construir, junto a políticas públicas de afirmação desses coletivos, as condições necessárias para que esses jovens possam escolher ficar, para viver com dignidade, nos territórios aos quais pertencem, tendo acesso a bens e serviços essenciais às suas vidas cotidianas (MUNARIM; GIRARDELLO; MUNARIM, 2015, p. 5).



Neste contexto, Cicilia Peruzzo (2011) coloca em debate a introdução da cibercultura nos espaços populares/comunitários, apoiando a integração de novas ferramentas tecnológicas nas produções. Para Silva (2003, p. 11), a cibercultura é o conjunto imbricado de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente como crescimento do ciberespaço. Para Lévy (1996, p.15), “a conversão do real ao virtual” cria alterações significativas na vida do homem em sociedade.

4.2 A cibercultura e a comunicação comunitária

Considerando os jovens das comunidades rurais, objeto da presente pesquisa, é fundamental entender o processo de globalização que aproxima as tecnologias em todas as esferas de relacionamento social. Diante de tal contextualização, não podemos ignorar o potencial da cibercultura em integrar uma estratégia de empoderamento de comunidades, movimentos sociais e as consequências de não considerar estas ferramentas na dinâmica comunitária, como afirma Peruzzo:

O custo social do não empoderamento coletivo das TICC para efeito de implementação de alternativas duráveis de comunicação comunitária contribui para o atraso na transformação da realidade local (PERUZZO, 2011, p. 3).

Retomando a ideia de que a comunicação comunitária e alternativa tem por objetivo contribuir para o contexto local de modo a ser um conteúdo que se difere do que é transmitido na comunicação de massa, é também um espaço para composição de materiais político-ideológicos, e reconhecida ainda como “contra-comunicação”, segundo argumenta Peruzzo (1998).

A comunicação comunitária se realiza nos mais variados meios, em principio os que exigem uma organização presencial do grupo como cartaz, panfleto, alto-falante, teatro, vídeo, jornal impresso e revista e, atualmente, também vem sendo incorporada em mídias mais tecnológicas como é o caso



da TV e da internet, por meio de sites, blogs, twitter, facebook, canais de vídeo e podcasts. A adesão por novas mídias não descaracteriza as ações na esfera comunitária e de mobilização, pelo contrário, potencializam a participação por meio do conceito de pertencimento.

Para González (apud Peruzzo, 2011, p.16), cibercultura é uma forma de “empoderamento que interessa três frentes estratégicas: a informação, o conhecimento e a capacidade de criar redes de ação para usar a informação e o conhecimento em projetos específicos de autogestão”. O que discutimos aqui são as modificações nos aspectos culturais no sentido das relações sociais e a sua contribuição no contexto comunitário.

Entidades do ciberespaço pertencem a um amplo fenômeno cultural dos últimos 30 anos do século vinte: o fenômeno da informatização computadorizada. Algo se torna um fenômeno quando capta e prende a atenção da civilização. Só então nossa linguagem comum pode articular a presença da coisa de modo que possa aparecer em sua identidade ‘estática’ no curso da história (HEIM, 1993, 84-85)

No entanto, para autores como Gonzáles (2008), é preciso pensar que apesar do potencial agregador das TICs por meio do sentimento de pertencimento, a inclusão dessas tecnologias também podem ser um fator de potencialização nas segmentações sociais em detrimento às contribuições nos espaços compartilhados. Não há como garantir que a tecnologia só agrega. Aliás, uma preocupação crescente é com relação ao distanciamento entre as pessoas gerado pelo contato apenas online e pela desigualdade de acesso por boa parte dos conhecidos excluídos digitais.

Essas mesmas tecnologias (TICs), potencialmente “salvadoras”, tornam-se cada vez mais tecnologias de desconhecimento e de reforço da desconexão em todas as escalas. As políticas dominantes no mundo sobre “tecnologias de informação e comunicação” invocam a brecha digital como um problema social. Primeiro, pela falta de acesso de milhões de categorias sociais (pobres, mulheres, indígenas, etc.) a essas tecnologias e, sem elas, à informação e aos conhecimentos mundiais disponíveis “para todos” na rede. Segundo, essa carência é “injusta”, porque reforça a exclusão social de setores (já previamente excluídos) que ficam “para fora” ou “do lado errado” dessa “brecha” (GONZÁLEZ, 2008, p. 199).



O que González deixa claro é a problemática do acesso a uma ferramenta (internet) que vem sendo a fonte primária de busca de informações e, em consequência disso, acesso a conhecimentos diversos, o que resulta no que nomeia de “brechas” das políticas públicas de acesso na América Latina e em geral. Este mesmo autor dialoga acerca da relação da tecnologia no processo comunicativo entre comunidades. Gonzáles (2002, p.19) afirma que o Ciberespaço tem a função de aumentar a massa crítica de geradores de informação e de comunicação, permitindo relações horizontais entre grupos sociais, dispondo da tecnologia para o serviço coletivo e não o processo contrário.

Peruzzo (2011) conclui sobre tais relações que:

O ponto central da questão metodológica em comum diz respeito à participação ativa do cidadão/ã em processos que forjam práticas autogestionárias de organização social e, no caso da comunicação comunitária, nesse fazer comunicacional. Tal tipo de participação, em sua forma mais avançada, se constitui em autogestão comunitária no exercício do poder de controle e direção dos processos sociais e de comunicação (ciber). (PERUZZO, 2011, p. 18)

Por fim, entende-se que na perspectiva de ampliação nas ferramentas digitais para o alcance e funções da comunicação comunitária em movimentos sociais, ONGs e associações comunitárias possibilita a uma melhor performance em articulações, porém, deve se considerar as metodologias utilizadas para que não se repita um padrão de segmentação social a qual igualaria a comunicação alternativa à comunicação de massa. Uma via para diminuir tais segmentações está no investimento na educação com a introdução de metodologias educomunicativas para promover o aproveitamento das TICs para o empoderamento do cidadão.



4.3 A Educomunicação: conceitos e a exemplificação

Antes de explorarmos o termo “educomunicação”, é preciso aprofundar a discussão iniciada por Paulo Freire em sua obra *Extensão ou Comunicação* (1983), que traz às claras o entrelace que fortalece os campos da educação e comunicação, colocando-os em igualdade e partindo do ponto de que se trata de práticas dialógicas que se fazem na construção entre comunicante e comunicado ou educador e educando. Freire propõe uma didática horizontal dos saberes, ao mesmo tempo que sugere a manifestação das diversas formas de potencializar a relação educativa na perspectiva cidadã. Freire (1983, p. 69) afirma ainda que a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber.

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém. Por outro lado, a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de "si mesmo" (FREIRE 1979, p.14)

Deparamo-nos, então, com as vias de um processo de construção intelectual, moral e cívico com um potencial mobilizador. O estudo da educativos aliado a comunicação se faz de grande importância devido à crescente influência das mídias e desenvolvimento de novas tecnologias eletrônicas no processo social e cultural.

Uma nova concepção ampliada da educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber- fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser (DELORS, 2003, p. 90).

É preciso considerar, então, para a relação Comunicação – Educação,



novas metodologias de aproximação e modelos pedagógicos que possam integrar estratégias de intervenção social que integrem as novas tecnologias, desenvolvimento econômico, social como maneira de inserir novos padrões culturais. Neste processo, é notada a crescente frente da comunicação na educação como parte de uma visão integradora e transformadora.

Tomando os princípios sistêmicos, aos quais a educação, comunicação e o ambiente estão ligados, a evolução do estudo acerca desses ambientes contribuíram para as discussões na perspectiva da América Latina, como Soares descreve.

A história nos ensina, na verdade, que tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente *neutros*, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. (SOARES, 2000, p.13)

Os méritos dos estudos iniciais das relações educativas transformadoras e a relação comunicativa às tecnologias estão compartilhados entre alguns outros autores já citados no presente trabalho, assim como também na área da educação e filosofia com contribuições de Célestin Freinet ou Paulo Freire, ou da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. Por meio das pesquisas desses autores houve o crescimento da contextualização científica das discussões, impulsionando o barateamento de ferramentas tecnológicas.

Para Moran (2002, p.13), educar é colaborar para que professora e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em um processo permanente de aprendizagem. E, com isso, ajudar os alunos a construir sua identidade nos diversos caminhos da vida (pessoal e profissional), possibilitando espaços que permitam a interação pessoal, social e profissional contribuindo para a formação de cidadãos realizados e produtivos.

A partir dos aspectos detectados, introduzimos o termo “educomunicação”, que é um princípio de aplicação de diretrizes comunicacionais e educacionais, conceito que é estudado de forma inter-



relacionada pelo professor e pesquisador brasileiro Ismar de Oliveira Soares¹¹, uma conceituação a partir da sua obra é dada por Sartori (2006):

¹¹Professor que coordena o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP e é um dos iniciadores das pesquisas sobre Educomunicação na América Latina.



Um conjunto de ações cuja finalidade é integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas. (SARTORI, 2006, p.1).

A educomunicação proporciona a alunos e professores aproximação maior com meios de comunicação, de forma a torná-los participantes da construção desta via e não apenas receptores. O espaço possibilita uma atuação na produção de mensagem do contexto social vivido, ampliando o alcance da comunicação escolar. Soares (2002) apud Sartori (2006, p. 3) define as áreas que constituem a educomunicação como:

1. Área da educação para a comunicação: consiste nas reflexões em torno da relação entre a comunicação e seus processos (produção, recepção, entre outros) e o campo pedagógico. Tem por objetivo possibilitar a leitura da relação entre os indivíduos e os meios, levando à intervenção nas políticas e processos de comunicação massiva;
2. Área da mediação tecnológica na educação: preocupa-se com a utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) nos processos educativos, em uma perspectiva interdisciplinar e voltada para capacitação ao uso pedagógico e discussão sobre o uso social e político;
3. Área da gestão da comunicação no espaço educativo: trata do planejamento, execução e realização de procedimentos e processos que criam ecossistemas comunicativos;
4. Área da reflexão epistemológica: compreende a reflexão acadêmica que atribui unidade teórica ao campo e, assim, aprofunda, sistematiza e legitima o campo. (SOARES apud SARTORI, 2006, p.3)

Para Soares, o campo da educomunicação se correlaciona com ações de planejamento e implementações pedagógicas em consonância com o aprendizado dos alunos. Com isso, há a promoção de didáticas que envolvam mais os alunos e que possam contribuir nas relações interpessoais de maneira ampla envolvendo arte, expressão e cooperação coletiva em função de um objetivo em comum. Soares (2002, p.264) intitula o campo da educomunicação como um espaço aberto e rico dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e, portanto, de relacionamento com a sociedade.



O campo da Educomunicação incluiria, assim, não apenas o relacionamento de grupos (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informações no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais), bem como o contato com os meios de comunicação de massa (área de educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa. (SOARES, 2002, p. 264)

Com isso, é esperado que as ferramentas tecnológicas alcancem espaços significativos de contribuição para a dinâmica dos saberes. O educador ou o profissional é que deve promover a aplicação das relações Educação-comunicação. Deve-se, toda via, levar em consideração os aspectos funcionais e de acesso que se pretende na inserção de tais componentes tecnológicos na aproximação com os sujeitos do processo, que seriam os jovens estudantes.

Tomamos como exemplo de aproximação de tecnologias às práticas educacionais a internet como principal ferramenta do processo. Para isso, deve-se considerar o alcance funcional deste mecanismo. No Brasil, as políticas de democratização digital caminham em paralelo com as políticas de comunicação e educação.

Construir programas e projetos na área da educomunicação implica refletir acerca das políticas mais gerais que regem o âmbito da comunicação e o da educação. Vivemos em um país com sofisticado aparato midiático, cujo escopo legal continua aguardando debate acerca dos marcos regulatórios que garantam, ao mesmo tempo, liberdade de expressão, responsabilidade no trânsito das informações, atendimento dos interesses da vida associada (CITELLI, 2010 p.78).

Neste contexto, Soares (2000, p.4) discorre sobre a desterritorialização do espaço, levando em consideração o ecossistema virtual ou ciberespaço e enfatiza que a comunicação de massa mantém uma parcela de realidade, ainda que seja um universo imaginário. “A comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãos de um mundo em mutação” (SOARES, 2000, p.4).



Também detectamos tal pensamento na literatura de Freire (2000, p. 109), que contribui também acerca da visão sobre a comunicação de massa (com enfoque na TV), possuindo uma visão crítica do formato impossível de ser neutro (imparcial) à margem dos entrelaces políticos, que resulta em produtos tendenciosos.

O poder da mídia, seja ele exercido de forma direta ou indireta, é verdadeiramente um poder: ele atua sobre nós, modifica nosso comportamento, nossos gostos e, provavelmente, até nossos pensamentos. Como qualquer manifestação de autoridade, não pode ser aplicado de forma aleatória, pois corre o risco de se tornar arbitrário e irresponsável. Tal poder obriga os profissionais da mídia a assumirem um grau de responsabilidade comparável àquele exercido por religiosos e políticos. A seu próprio modo, contribuem para a criação e manutenção de uma comunidade humana. O bem-estar dessa comunidade deve ser sua maior preocupação". (DALAI-LAMA, apud. SINGH, 2000, p. 72)

A crítica apresentada é voltada para os meios de comunicação de massa. Para tanto, se faz necessária a contribuição educativa no processo de análise crítica dos meios, formando pessoas capazes de interpretar e contextualizar as informações recebidas, implicando em uma participação nos processos culturais, políticos e econômicos.

Uma das análises feitas por Soares (2000) é sobre os diversos aspectos da influência das mudanças advindas com as novas tecnologias nas diversas esferas da sociedade, das relações sociais, econômicas e políticas do cotidiano. O autor critica a homogeneização das práticas comunicativas de massa a partir da já citada transfiguração do real e, para tanto, leva em consideração momentos de inovação na história da humanidade.

A Modernidade nasceu com a instituição da crença nas possibilidades da razão, capaz de transformar a sociedade pela dominação da natureza pelo homem. Ao mesmo tempo, impôs a uniformização das representações sociais coletivas e a massificação das aspirações e das mentalidades como forma de controle da opinião pública. (SOARES, 2000, p.2)

Em seus estudos, Soares correlaciona autores latino-americanos como



Front e Sanchez para construir as convergências entre os aspectos educativos e de cidadania em confluência com o estudo social, numa visão filosófica. Deve-se levar em consideração que nos espaços educomunicativos existem a proposta de introdução a novas tecnologias, facilitando o processo de interação, sendo esta uma ferramenta para os professores desenvolverem abordagens variadas.

Soares aponta que as práticas educomunicativas, assim como a comunicação, não são guiadas por metodologias definidas, mesmo que em ambas existam teorias fundamentais.

Tenho afirmado, repetidamente, que não existem metodologias da Educomunicação. Como não existem metodologias da Educação ou da Comunicação. Estou, aqui, falando dos conceitos enquanto campos de conhecimento, definidos por concepções filosóficas e por paradigmas que contextualizam sua presença no espaço das intervenções dos grupos humanos. Podemos dizer, sim, que existem Filosofias da Educação, Teorias da Comunicação e a Teoria emergente da Educomunicação. (SOARES, 2002)¹²

Como forma de apoiar as iniciativas educomunicativas, foram criadas leis de incentivo à introdução de ferramentas digitais nas escolas por meio de programas governamentais. Em 2005, foi iniciado o Programa de Educomunicação Socioambiental, elaborado pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2005) visando propor metodologias para produção interativa. No documento, foi feito um apanhado de diretrizes em consonância às áreas da educação e da comunicação ambiental com o intuito de traçar política pedagógicas de atuação para o incentivo da interação prática a partir dos fundamentos teóricos da proposta da Educomunicação.

A veiculação de conteúdos de educação ambiental pelos meios [...]; o fortalecimento dos processos informais, não-midiáticos de comunicação ambiental educativa [...]; o enraizamento da educação ambiental junto a profissionais da área de comunicação [...] e a perspectiva da comunicação parcerizada com a mídia na construção



da consciência pública para o desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2005, p. 21-23).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP¹³ e do Diário Oficial da União de 2015¹⁴ indicam números expressivos acerca da extensão da rede de ensino público e privado. Eram 267.382 escolas, 37.826.565 estudantes e 2.400.000 funções docentes no ensino básico. Estes números alertam para a vastidão territorial do país e suas capilaridades. É preciso compreender as deficiências que se apresentam nestes contextos para propor e introduzir políticas públicas que beneficiem estes ambientes. Para Citelli (2010 p.79), “Os estudos e as práticas vinculadas à comunicação implicam, também, rever os próprios conceitos que circundam os processos educativos”.

¹² SOARES, Ismar de Oliveira. **Sobre educomunicação, seus procedimentos e metodologias:** Educomunicação, seus procedimentos e metodologias. 2002. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

¹³ Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>> Acessado em 14 de fev. de 2017

¹⁴ Disponível em:

<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=16&data=05/10/2015>>
> Acessado em: 14 fev. de 2017



4.4 A utilização de blogs para práticas educomunicativas socioambientais

Este trabalho sugere a implantação de um blog aos trabalhos do jornal Muvucando como estratégia de Educomunicação na comunicação comunitária, para isso exemplificamos práticas educomunicativas, colocaremos em discussão a utilização de blogs em escolas, como forma de uma interação comunicacional educativa. Tal proposta consta no Programa de Educomunicação Socioambiental (2005) em sua primeira diretriz, que sugere o dialogismo e a interatividade, visando a não-exclusão dos alunos e atividades que promovam o diálogo, mais do que o intuito de competição. A legislação elenca como o principal agente a população, que também é o público da educação ambiental. Como forma de contribuir para o pertencimento a uma identidade, o programa propõe ainda mecanismos de comunicação independentes da escolha das ferramentas de mídias utilizadas.

o princípio do direito à comunicação associado aos demais direitos humanos [...]; o princípio de compromisso com a democratização e a acessibilidade à informação socioambiental [...]; da transversalidade e interação entre várias linguagens e mídias (intermediaticidade) [...]; do diálogo e interatividade [...]; do encontro e atuação integrada” onde está a ideia de que “a ação comunicativa deve funcionar em rede” e que, “consciente dessa forma de funcionamento” deve “ser socialmente mobilizadora, atuando na formação de novas redes, além de favorecer as já existentes”; e, por fim, “o princípio de proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular” (BRASIL/ ProNEA, 2005, p.21-22)

Em suma, o documento afirma que as práticas de comunicação ambiental contribuem para a educação ambiental que, por sua vez, propõe práticas correlacionadas a todos os aspectos de formação cidadã. Levando em consideração o potencial comunicacional e os subsídios de programas de democratização digital, neste trabalho também sugerimos uma prática já utilizada na efetivação de espaços educomunicativos: a utilização da ferramenta blog.

O termo blog é uma abreviação de *weblog*, que significa registro eletrônico pela internet. Freitas (2005) data o surgimento de tal ferramenta no



final do ano de 2001, com o site *Blogger.com*. Os blogs utilizam protocolos de transmissão de dados e possuem servidores para armazenar as informações que apresentam e precisam frequentemente de atualização. Este recurso pode ser utilizado gratuitamente na Web 2.0.

O que distingue o blog de um site convencional é a facilidade com que se pode fazer registros para a sua atualização, o que o torna muito mais dinâmico e mais simples do que os sites, pois sua manutenção é apoiada pela organização automática das mensagens pelo sistema, que permite a inserção de novos textos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional. No blog, os registros aparecem em ordem cronológica inversa e exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do usuário (BARRO; FERREIRA; QUEIROZ, 2008, p. 10)

Desta forma, a principal vantagem da utilização desta ferramenta é sua forma acessível e funcional, a partir de conhecimentos básicos de informática. Bos e Moreira (2013, p.2) explicam que os blogs podem ser desenvolvidos para atender a necessidades específicas do seu criador, abordando o tema que lhe for pertinente. Alguns blogs são utilizados com finalidades educacionais e, por isso, são denominados edublogs. Esses, por sua vez, são usados como ferramenta de suporte às mais variadas disciplinas no ambiente escolar para promover espaços a partir de um formato compartilhado. Gros e Silva (2006, p. 4) indicam que os processos de colaboração acontecem nos espaços virtuais e “cada vez que falamos com alguém, participamos de um processo de colaboração no qual se negociam significados e se mobilizam conhecimentos comuns” (tradução nossa)¹⁵.

Desta forma, o aprendizado também se torna compartilhado. Para Dillenbourg (1999, p.4), “é uma situação em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas”. O autor também relaciona os bons resultados na prática colaborativa com a responsabilidade do professor na aplicação desta didática de ensino. Segundo Paz, Pimentel e Barros (2011) “na cooperação, são encontrados esforços para que cada um possa interagir na resolução do problema do outro”. Partindo desta visão, todos os envolvidos são responsáveis pela solução de problemas, porém cada um responde pela parte que lhe compete, entendendo que para a funcionalidade de tal procedimento é



preciso a divisão de tarefas.

É nesta perspectiva de colaboração que a efetivação de blogs ou edublogs estão inseridos, sendo ferramentas de construção coletiva e objeto de aprendizagem que seguem um ideal educacional mencionado por Paulo Freire quando propõe a construção social aliada à aprendizagem.

¹⁵ Cada vez que hablamos con alguien participamos en un proceso de colaboración en el que se negocian significados y se movilizan conocimientos comunes [texto original].



Neste processo, deve ser considerado as habilidades em comum das áreas. Para Martinari (2007, p.92), educar para a comunicação significa desenvolver as competências básicas como a fala, a expressão, as capacidades de ouvir, argumentar, dialogar, ler e compreender um texto, bem como escrever e comunicar a ideia.

A partir dos levantamentos teóricos feitos neste capítulo este trabalho sugere um blog colaborativo aliada aos trabalhos impressos do jornal Muvucando, isto é, dar aos jovens uma ferramenta a mais em outra plataforma que possa ser totalmente gerido por eles, haja vista que a produção do jornal Muvucando obedece uma periodicidade pré estabelecida no plano do Projeto Sementes do Portal, sendo este um limitante para aumentar o número de edições anuais. Por meio desta pesquisa, pode-se levantar a importância do jornal impresso ao seu público alvo (agricultores), porém, considerando os jovens envolvidos e a importância de estabelecer vínculos maiores com suas comunidades uma estratégia que será demonstrada é de agregar instrumentos para que este vínculo possa ser promovido.



5. Pesquisa participante no jornal Muvucando: metodologia e resultados

Neste capítulo, estão contidos os resultados da pesquisa participante realizada no período de 24 de julho a 07 de dezembro de 2016, com jovens e agricultores participantes do Projeto Sementes do Portal, realizado pelo Instituto Ouro Verde. Tal pesquisa pretende verificar o grau de envolvimento dos jovens na elaboração do material produzido, assim como, a partir do perfil dos jovens já verificado na percepção dos organizadores de fases anteriores, constatar se houve mudanças significativas na atual fase do Projeto Sementes do Portal no que tange a produção do jornal Muvucando. O formato de pesquisa participante dá subsídios para a organização das bases por meio de oficinas. Além disso, esta pesquisa buscou verificar a sugestão de produção de um blog do Muvucando como ferramenta de compartilhamento de ideias e empoderamento por meio da valorização do aspecto local. A produção do blog seria concomitante ao jornal impresso, que continuaria circulando normalmente.

A metodologia de pesquisa participante foi aplicada na última parte do processo da presente pesquisa, com o objetivo de dar o subsídio necessário para a compreensão do ambiente em que o objeto pesquisado está inserido. Tal método de pesquisa é referenciado teoricamente por Thiollente (2003) como:

Tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participante. (THIOLLENT, 2003, p.14)

Autores como Peruzzo (2006, p.138) delimitam como uma característica principal da pesquisa participante o conceito de que este é um tipo de pesquisa-ação que “implica no engajamento do pesquisador no ambiente investigado e também no envolvimento das pessoas do grupo no processo de pesquisa”.

Partindo deste conceito, a pesquisa participante foi efetivada pela autora



deste trabalho e que esteve envolvida - em diferentes graus - em todos as fases de produção do jornal Muvucando, objeto de estudo deste trabalho. As práticas de pesquisa participante consistiram na proposta de oficina de escrita jornalística, onde também foram tratados temas como comunicação comunitária e a aproximação com a ferramenta *blog*. Antes, porém, da aplicação das oficinas por município, foi necessário a observação do ambiente trabalhado, da forma de organização do Instituto que cedeu o espaço de aplicação para esta pesquisa por meio do Centro de Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso.

5.1 Período de observação das relações e o potencial mobilizador do grupo

Compreender as relações formadas dentro do Instituto Ouro Verde com os jovens foi o passo inicial. Para isso, a pesquisadora esteve presente na finalização do curso de Formação Política e Mobilização Social¹⁶. A intenção, naquele momento, era constatar se o curso havia proporcionado um crescimento significativo no potencial intelectual dos jovens participantes.

Os jovens de cada base de comunicação, naquele momento, estavam apresentando o trabalho de conclusão de curso (conforme proposto na metodologia estruturada ao início do curso de formação). A intenção da apresentação era de que compartilhassem com o grupo uma experiência pensada e efetivada em conjunto e no ambiente de suas respectivas comunidades. Para isso, era livre o uso de ferramentas de comunicação (fanzini, cartaz, mural, folhetos e afins, as quais foram apresentadas durante o curso) e que, de alguma forma, dessem ao trabalho uma característica mobilizadora ou de contribuição na dinâmica de comunidade.

Por meio de relatos, conversas e entrevistas informais nas avaliações finais entre organizadores e participantes, foi possível presenciar relatos de experiências que influenciaram na participação das diferentes bases em suas comunidades. Estava claro para os jovens participantes a relação de interesse sobre as questões políticas e econômicas que envolvem os assuntos pautados pela mídia, em especial a agricultura familiar.

Outro aspecto observado foi o envolvimento que o processo de formação



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

deu aos jovens para o olhar com a comunidade e o fortalecimento de vínculo pessoal e de causa, sendo este vínculo uma demonstração do sentimento de pertencimento que integra a definição de Palácios (2001, p7.) sobre o conceito de comunidade, já citada no Capítulo 3 desse trabalho.

¹⁶ Descrição sobre o curso no Capítulo 1 em 1.2 A criação do Muvucando e o curso de Formação de Jovens



O sentimento de pertencimento se relaciona com o fator territorialidade também descrito por Palácios (2001), que considera a localidade geográfica como uma característica intrínseca desta relação, pois os sujeitos podem se sentir pertencentes mesmo à distância. Os jovens participantes do curso de formação eram moradores de cinco municípios diferentes (haja vista que no início do curso haviam integrantes dos sete municípios integrantes do Projeto) e a medida que os conceitos trabalhados nos módulos do curso eram aplicados e a aproximação com as realidades em comum estavam sendo expostas, também havia a presença de um sentimento de pertencimento a uma comunidade que compartilha de um pensamento ideológico afim.

De acordo com Castells (1992, p. 84), uma característica da composição das comunidades é que são constituídas pelos interesses e anseios em comum, o que será delineado pela identidade do grupo. No Brasil, os movimentos populares e de mobilização social empoderaram grupos e saem de ações individuais para as coletivas e são caracterizadas pela busca de uma justiça social que são identificadas pela:

Passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, a confluência em torno de ações tendo em vista alguns objetivos comuns, constituição de identidades culturais em torno do desenvolvimento de aptidões associativas em prol do interesse público, participação popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas (PERUZZO, 2002, p.290)

Podemos dizer, então, que a ação dos jovens em suas comunidades demonstram a prática de mobilização, partindo de ações simples, mesmo considerando o contexto em comum de características populacionais e culturais de cada localidade.

Trabalhos como jornal comunitário, produzido e distribuído por uma das bases de comunicação, dia de confraternização entre as comunidades, apresentação sobre os perigos do uso de agrotóxico foram alguns exemplos de atividades apresentadas às comunidades.

É importante ressaltar que os participantes do curso de formação (em



sua maioria) também integrante das bases de comunicação responsáveis pela produção do jornal Muvucando e o esclarecimento sobre conceitos e ferramentas de comunicação e mobilização refletiram em suas produções. Desde o levantamento de pautas às formas de se pensar a escrita.

5.2 Oficinas nos sete municípios e aplicação de formulário

A realidade vivenciada pela comunicação do Sementes do Portal, em conjunto com os jovens atuantes, é um processo notavelmente complexo, levando em consideração a logística aderida para efetivação dos processos e a defasagem no caminho da comunicação pelo limitado acesso à internet, o que em algumas comunidades rurais é até mesmo inexistente. Porém, mesmo em meio às dificuldades, o jornal Muvucando vem sendo produzido a partir de textos elaborados pelas bases de comunicação desde o ano de 2015.

Trata-se de um trabalho minucioso incluindo o relevante acompanhamento das etapas de produção e, neste sentido, consideramos todas as esferas de assistência aos envolvidos (coordenação de comunicação, técnicos municipais, conselho gestor e comunidade). A partir das entrevistas com os primeiros organizadores deste processo junto aos jovens, incluindo a atual gestão de comunicação (2016), foi detectada como principal dificuldade a produção textual dos jovens, sendo um aspecto visualizado desde a segunda fase do projeto (2013-2015).

A partir disso, a primeira oficina (que identificaremos como *oficina teste*) foi desenvolvida como forma de atender à necessidade primeira, levando em consideração o formato impresso, acrescentando a oficina de diagramação, esta última uma solicitação das bases de comunicação, anteriormente consultadas.

A oficina foi desenvolvida em um formato intermunicipal, no dia 24 de junho de 2016, com a presença de cinco dos sete municípios participantes do Projeto, totalizando a presença de 15 jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, estudantes do ensino médio e do ensino superior. A metodologia utilizada incluiu etapas teóricas, de discussão e práticas. A primeira foi de apresentação dos conceitos de comunicação comunitária para compreender qual a função social do jornal Muvucando nas comunidades, o papel dos comunicadores



como agentes de disseminação de informação e mobilizadores.

A segunda etapa teórica da oficina consistiu em apresentar dúvidas e defasagens frequentemente encontradas nos textos jornalísticos, conciliando com a discussão sobre a diferenciação entre notícia e reportagem a partir da verificação do material produzido no Muvucando. Para isso, além dos conceitos de notícia e reportagem usados por Sodr e e Ferrari (1986), a didática de leitura de notícias e reportagem locais deram ao grupo uma noção prática destes g neros. O grupo, em consenso, chegou   conclusão de que o Muvucando levava diversas reportagens, entendendo os fatores que caracterizam essa produção como o tempo para a confecção desse tipo de material e os temas geralmente trabalhados neste gênero.

Em seguida, foi discutida a necessidade da prática de entrevistas e sobre a importância de pesquisar o tema escolhido para escrever. Neste contexto, foi apresentada formato jornalístico padrão pirâmide invertida, com exemplo de *lead*. O objetivo, com a apresenta o desse formato, foi o de demonstrar às bases a necessidade de inserir no material textual os principais elementos para contextualizar o tema das matérias para os leitores. Foi destacada a importância da escrita estar de acordo com a personalidade do escritor e/ou com a inten o consensual do grupo.

A terceira etapa foi a apresenta o do conceito e aplica o de uma pauta. A constru o de pensamentos e o entendimento dos jovens, já levando em considera o as experiências vividas, deram   oficina um ambiente de troca de saberes e compreensão do ambiente em que as bases atuam. Em seguida, a etapa prática consistiu na aplica o de uma pauta e na elabora o de uma notícia.

No período da tarde, a oficina focou a prática de diagrama o de possíveis formatos de jornais comunitários. Esta etapa consistiu na apresenta o e instala o da ferramenta Publisher (software do pacote Windows). O objetivo da atividade era dar liberdade aos participantes para que colocassem elementos que considerassem sua personalidade e inten o no produto final, por meio do trabalho técnico de diagrama o. Algumas orienta es sobre planejamento gráfico foram apresentadas, assim como as principais ferramentas. Ao final, bases como a de Nova Canaã demonstraram o interesse de finalizar o produto e distribuir-lo em seu município.



Foi aplicado, neste primeiro momento, um formulário teste contendo oito questões abertas e também de múltipla escolha abordando os assuntos: Tecnologias da Informação e Comunicação, questões para compreender o aspecto comunicacional no qual os jovens estão inseridos e qual a visão sobre os meios de comunicação. Tanto a oficina teste descrita quanto o formulário foram reavaliados e reformatados. Os municípios que não puderam participar da oficina intermunicipal foram atendidos em visitas posteriores.

A intenção de aplicar um conceito estudado na academia em um âmbito comunitário estava associado à apresentação de técnicas para facilitar a sistematização da escrita jornalística pelos jovens. Não foi sugerida uma lógica de mercado e sim formas de simplificar a dinâmica na busca por conteúdo e apresentar outro tipo de ferramenta para a expansão da comunicação.

5.3 Aplicação e avaliação por município

A reavaliação da estrutura de oficina levou a um formato mais sintético dos conteúdos apresentados na oficina intermunicipal teste. Deste modo, optou-se por não ofertar a oficina de diagramação aos demais municípios. As próximas oficinas seriam aplicadas *in loco* nas bases de comunicação estabelecidas da fase 2016 do Muvucando, em parceria com as escolas rurais, municipais e estaduais.

Foi complementado, a partir das avaliações junto à equipe e após as conversas entre as bases, a inclusão da apresentação da proposta de um blog, com a possibilidade de ser gerido pelos próprios jovens. O objetivo era o mapeamento das bases que se interessariam no desenvolvimento desta função. Os jovens das bases, ao serem perguntados sobre a possibilidade de construção de uma ferramenta de comunicação com o caráter compartilhado (blog), demonstravam curiosidade e interesse. Porém, ao serem indagados sobre o que era e para quê funcionava tal ferramenta, era identificado o desconhecimento acerca do instrumento comunicativo. Tais respostas nortearam a nova postura de condução da pesquisa. O desconhecimento sobre ferramentas online demandaria uma reavaliação de proposta a partir dos olhares da comunicação comunitária e da educomunicação. Sendo necessária a articulação de novas oficinas direcionadas a introdução ao espaço digital, em



contrapartida, os dados levantados sobre as limitações de acesso à internet nas escolas estavam sendo eram considerados um fator de impedimento e um alerta para o estudo das leis de acesso à internet.

5.3.1 Oficina em Alta Floresta

- Assentamento Jacamim

Sobre o grupo: Formado por cinco alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Faixa etária: 15 a 18 anos. Escola municipal Rodrigues Alves. Base de comunicação engajada.

Sobre o desenvolvimento: A oficina de texto jornalístico atendeu jovens que já haviam participado da primeira oficina e haviam repassado os conhecimentos aprendidos. Na fase de introdução à comunicação comunitária, os alunos não demonstraram dúvidas e relacionaram rapidamente o conceito ao Muvucando. Na fase de dúvidas frequentemente encontradas nos textos jornalísticos, o grupo apresentou questionamentos sobre a língua portuguesa, que foram esclarecidos por meio de exemplos. Na produção em grupo de perguntas para a pauta, demonstraram facilidade e conhecimento sobre o assunto pautado.

Ferramenta Blog: A base conhecia o formato blog, no entanto não há aproximação com ferramentas web acessíveis. A base se interessa por produção fotográfica e audiovisual.

Sobre o resultado: A atividade de definição da pauta e entrevista foi feita com um agricultor local, um dos fundadores do assentamento. O grupo se dividiu em quatro frentes: perguntador, fotógrafo, anotação e gravação. Mesmo com as perguntas já elaboradas, buscaram informações a mais e discutiram as informações junto ao agricultor. Após a atividade, a equipe de apoio e alunos avaliaram a experiência em conjunto. Como resultado final, os jovens escreveram uma reportagem para a terceira edição do jornal Muvucando.

- Comunidade Santa Lucia

Sobre o grupo: Formado por nove alunos do terceiro ano do ensino médio. Faixa etária: 16 a 18 anos. Escola municipal Guimarães Rosa. Base de comunicação pouco engajada.



Sobre o desenvolvimento: O grupo apresentou alguns questionamentos quanto à gramática e a relação do jornalismo local e o interesse pela relação dos jornais com as comunidades rurais. A base apresentou facilidade no levantamento de pauta, porém com dificuldade em articular perguntas. A atividade prática de entrevista foi feita com o professor de matemática, o único do corpo docente da escola que aderiu à greve do estado. O grupo se dividiu em frentes e demonstrou afinidade com a prática.

Ferramenta Blog: quatro dos nove jovens consultados não conheciam o conceito de blog e apresentaram a dificuldade quanto ao acesso à internet.

Sobre o resultado: Em avaliação final, a base de comunicação ficou incumbida de desenvolver a reportagem e enviá-la para a comunicação do Projeto.

5.3.2 Oficina em Apicás

Sobre o grupo: Formado por 11 alunos do ensino médio. Faixa etária: entre 15 e 16 anos. Escola estadual Portal da Amazônia. Base de comunicação pouco engajada. A base de comunicação é também o grupo de mídias da escola. Os alunos já desenvolvem trabalhos na área da comunicação da instituição, usando redes sociais como ferramenta. Portanto, o desenvolvimento das atividades da oficina foi de fácil execução.

Sobre o desenvolvimento: A base de comunicação apresentou dúvidas apenas na fase de atividade prática. Como trata-se de uma base formada por um número elevado de alunos, a organização e divisão de atividades mostrou-se mais complexa. Com isso, foi preciso a intervenção da pesquisadora, coordenadora de comunicação do Instituto e da professora responsável pelas atividades de mídias da escola. A escolha da pauta, nesta oficina, já havia sido pré-definida com a intenção de proporcionar aos jovens uma atividade prática completa.

Ferramenta Blog: Esta base apresenta interesse por aprender sobre a ferramenta desde a primeira visita de conhecimento de campo. Os jovens mostraram um nível mediano de conhecimento de funcionalidade de blog, porém o que mais os interessam são oficinas de audiovisual.

Sobre o resultado: A base seguiu a sugestão de dinâmica das demais



oficinas. Se dividiram por funções. A pauta era a vida de um agricultor do município. Os jovens tiveram a oportunidade de conhecer um Sistema Agroflorestal e ouvir a história de vida de um produtor da agricultura familiar. Foram feitas fotos, vídeos e gravações de áudio pelos próprios jovens que ficaram com o dever de escrever a matéria para publicação no Muvucando.

5.3.3 Oficina em Carlinda

Sobre o grupo: A base é formado por sete alunos da escola Frei Caneca, estudantes do ensino fundamental

Sobre o desenvolvimento: A base de comunicação foi estruturada em ocasião recente à visita, por alunos que demonstraram interesse em fazer parte dos trabalhos do Muvucando. A oficina foi o primeiro momento da base em 2016 de se conhecer e entender a dinâmica da comunicação comunitária. Não houveram dúvidas nas fases teóricas da oficina. A base precisou de incentivo maior na fase prática de produção coletiva da pauta e entrevista. Logo que o entrosamento surgiu, alguns dos jovens se destacaram.

Ferramenta Blog: A apresentação da proposta de compartilhamento em um ambiente digital foi bem recebido pela base, que desconhecia a funcionalidade e temia a limitação do acesso à internet, fato ressaltado pelo professor responsável pelo núcleo de comunicação da escola.

Sobre o resultado: Dois alunos da base se destacaram na desenvoltura em pensar as perguntas da pauta e outro na condução da entrevista. A pauta escolhida foi a vida profissional de um membro da equipe do Instituto que acompanhava a atividade. O grupo se dividiu em funções e, após a prática, as discussões em grupos demonstravam as maiores descobertas (positivas e negativas) com a atividade.

5.3.4 Oficina em Colíder

Sobre o grupo: A base de comunicação atuante que representa Colíder era formada por três alunas do ensino médio de escolas diferentes até o ano de 2015. Na fase 2016, a escola de Colíder apresentou interesse e firmou parceria com o jornal Muvucando com o objetivo de dar assistência à base antiga e



identificar mais alunos interessados. Porém, no dia da efetivação da oficina, a nova base ainda não estava estabelecida. Com isso, foi realizada a oficina com alunos que demonstraram interesse naquele momento. Naquele dia, a escola apresentava falta de eletricidade, o que fez com que a atividade fosse resumida. Não houve aplicação de formulários, por motivo da reavaliação do vínculo com a instituição. Foi usada para avaliação da base a participação dos alunos da oficina intermunicipal.

Sobre o grupo: O grupo é formado por duas alunas do ensino médio e uma do ensino superior moradoras de comunidades pertencentes à cidade de Colíder. As jovens distribuem um jornal artesanal com notícias, receitas e recados dos moradores da comunidade em que vivem.

Sobre o desenvolvimento: A base tem entrosamento na divisão de atividades e compreensão dos objetivos da comunicação comunitária e mobilização social. **Ferramenta Blog:** Na oficina intermunicipal, este conteúdo não foi apresentado.

Sobre o resultado: Apresentaram dúvidas na fase prática com a produção da pauta, mas concluíram a atividade entregando uma notícia.

5.3.5 Oficina em Nova Canaã do Norte

Sobre o grupo: Esta base apresenta a particularidade de não ser vinculada a escolas e ter como integrantes jovens de 19 a 24 anos que participam de outras frentes de trabalho dentro do Projeto Sementes do Portal. Os jovens participaram apenas na oficina intermunicipal.

Sobre o desenvolvimento: Nota-se que por se tratar de um grupo de jovens independentes, a articulação se torna mais fácil. As principais dificuldades detectadas pela base durante a oficina foi na fase teórica de entendimento de fatores linguísticos.

Ferramenta Blog: Na oficina intermunicipal, este conteúdo não foi apresentado.

Sobre o resultado: Ao final da oficina, a base demonstrou a intenção de produzir um jornal comunitário a partir do modelo produzido durante a oficina.



5.3.6 Oficina em Nova Guarita

Sobre o grupo: Contém uma média de 20 alunos do 9º ano do ensino fundamental, entre 13 e 14 anos. A base conheceu os trabalhos do jornal Muvucando na aplicação da oficina, porém, o técnico do Instituto já havia feito a introdução sobre as atividades propostas dias antes da aplicação desta oficina.

Sobre o desenvolvimento: Os alunos receberam apenas a primeira parte da oficina, que contém as fases teóricas, pois nesta oficina a base de comunicação já havia efetivado a atividade prática de entrevista juntamente com a professora orientadora, que também contribuiu durante a oficina nos esclarecimentos quanto às dúvidas recorrentes sobre língua portuguesa.

Ferramenta Blog: A base não mostrou motivação para o tema.

Sobre o resultado: O resultado da visita já feita anteriormente pela base à propriedade de uma agricultora participante do projeto resultou em uma matéria produzida de maneira colaborativa e mediada pela professora responsável pela base. A presença e incentivo do professor orientador é detectado como um diferencial que incentiva uma base na conclusão de trabalhos e reflexão acerca do que é apresentado. O fator preocupante é o número de alunos envolvidos no processo. Uma sugestão seria a divisão de grupos responsáveis por cada edição do jornal Muvucando.

5.3.7 Oficina em Terra Nova do Norte

Sobre o grupo: O grupo trabalhado era composto por 4 alunos (entre 15 e 18 anos). A base de comunicação de Terra Nova do Norte é o mesmo grupo responsável pelas mídias da escola. Grupo formado por jovens que intercalam suas atuações entre as turmas do ensino médio da escola técnica do município. Como se trata de uma escola que comporta alunos das diversas comunidades de municípios vizinhos, é notado o diferencial em trabalhar temas mais abrangentes. Do mesmo modo percebe-se nas aplicações práticas dentro das escolas.

Sobre o desenvolvimento: A oficina transcorreu com a participação dos



alunos que demonstraram interesse em forma de perguntas por diversos momentos. Nota-se que o grupo trabalhado apresenta uma maturidade e uma visão do funcionamento da construção escrita e apuração de informações, ao mesmo tempo em que compreende a relação entre a comunicação de massa e a comunicação comunitária, sendo esta última a vertente principal do jornal Muvucando. A fase prática da oficina foi moldada com o objetivo de otimizar a produção de material para o jornal Muvucando. Com isso, os jovens trabalharam para construir uma pauta em conjunto, com o tema já definido “Associação de Mulheres de Terra Nova”, delineando possíveis abordagens a partir das informações buscadas preliminarmente.

Ferramenta Blog: O grupo se mostrou interessado para a produção e se colocou à disposição para auxiliar no processo. Os jovens de Terra Nova entendem que, por vezes, o processo de produção textual se torna cansativo e poderiam produzir material por meio de outras ferramentas, pois já têm experiência com vídeos, por exemplo.

Sobre o resultado: Rapidamente o grupo iniciou a construção de perguntas de forma clara, objetiva e intencionada, afirmando a prática de atuação desta base de comunicação e a facilidade em compreender o contexto do tema proposto.

5.4 Perfil comunicacional no projeto

5.4.1 Dados sobre as TICs e a opinião sobre a comunicação de massa

Os números sobre acesso às TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) no Brasil dão conta da média de pessoas que, por possuírem um aparelho de televisão, rádio, celular e computador, consequentemente, têm também mais acesso à informação, o que é um direito constituído por lei, como já discutido no capítulo 3 deste trabalho.

Os formulários aplicados nesta pesquisa, fornecerem a opinião dos agricultores quanto ao produto de objeto desta pesquisa, o jornal Muvucando. Também levantaram,

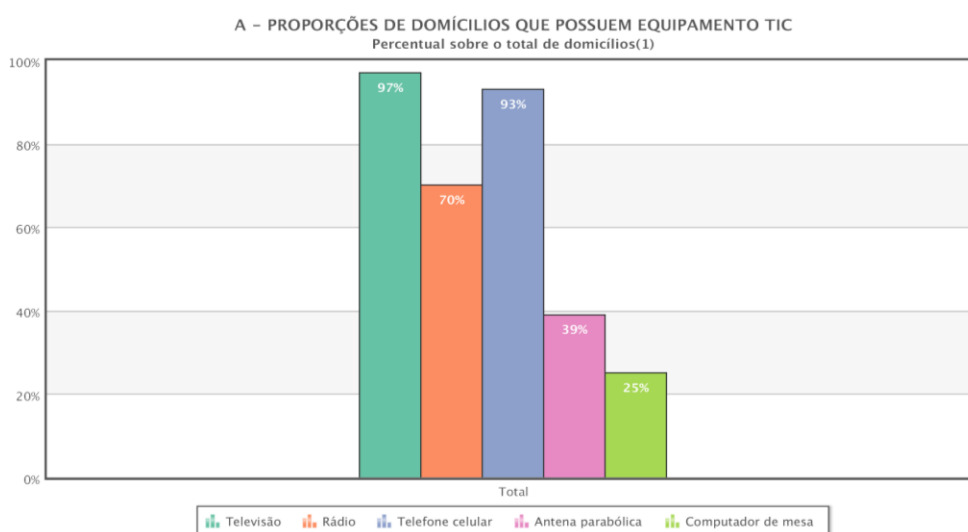
– por meio da amostra de 20% das propriedades participantes do projeto Sementes do



Portal e dos jovens das Bases de comunicação na fase 2016 – o número de agricultores e jovens com acesso a TICs, assim como, o meio de maior transmite o maior grau de confiança para obtenção de informação e a frequência na busca por informação.

Os dados do gráfico abaixo são referentes à proporção nacional de residências que possuem TICs no Brasil. Trata-se de dados coletados entre novembro de 2015 e junho de 2016 pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) de forma oficial. Um fato a ser ressaltado e de relevância para esta pesquisa é a diferença mínima de 4% entre o número de pessoas que possuem aparelho de TV e as que possuem celular, deixando o aparelho de rádio em terceiro lugar, com 70% do total da população, considerando áreas urbanas e rurais que possuem o equipamento.

Gráfico 1 – Proporção de domicílios que possuem equipamento TIC



Fonte: NIC.br, 2015¹⁷

Esta realidade nacional não está distante dos valores encontrados dentro da amostra no Sementes do Portal, onde a televisão, além de ser o meio de maior acesso aos agricultores e jovens, também é vista como a que detém o maior nível de confiança desta comunidade entrevistada. No entanto, em níveis de confiabilidade na informação, as notícias transmitidas no rádio estão em segundo lugar no grau de confiança dos agricultores, que relatam também a



insatisfação com as notícias transmitidas e o distanciamento com a realidade dos agricultores familiares ao serem perguntados se os meios de comunicação local divulgam notícias de interesse da comunidade.

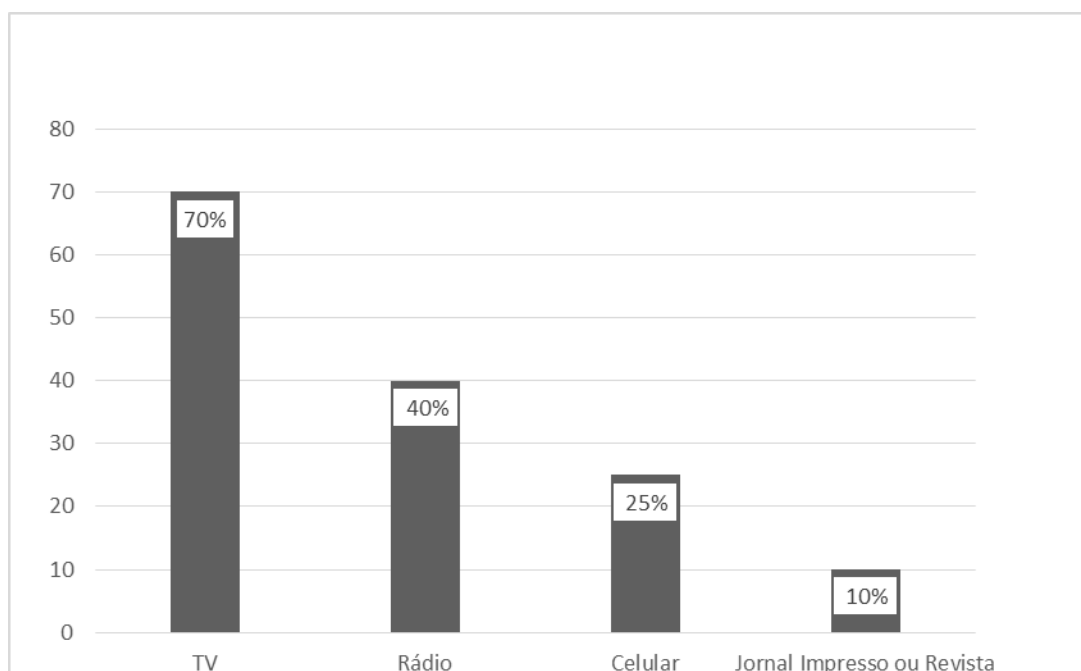
¹⁷ Pesquisa pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Disponível em:

<<http://data.cetic.br>>. Acesso em: 06 jan. 2016.



Em resposta à pergunta de número 7 no formulário aplicado, os agricultores apresentam a opinião de que existe uma tendência midiática voltada à divulgação de notícias e informações que favoreçam os órgãos governamentais.

Gráfico 2 - Ferramentas de busca por informações Dentro do Projeto



Fonte: autora, 2016

Os telejornais, além de serem mais acessíveis aos agricultores, foram apontados como os de maior confiabilidade. Para os agricultores, a relação da imagem em ação denota um grau mais elevado de compromisso com a verdade. Dos 117 entrevistados, entre jovens e adultos, 70% elegeram a TV com o maior grau de confiabilidade. Em segundo lugar o rádio, com 40%, e a internet aparece em terceiro lugar, com 25%, sendo uma opção escolhida até mesmo pelos agricultores que não tinham acesso e nem contato com o recurso. Foi considerada a importância dos telefones celulares na obtenção de informação cotidiana e entre os agricultores.



5.4.2 A visão dos agricultores sobre os aspectos comunicacionais

Foi notado, por meio das entrevistas, que existe por parte dos agricultores o anseio pela divulgação do jornal Muvucando para a sociedade em geral. Além disso, apresentam a necessidade de mais informações sobre aspectos administrativos dentro das pautas do jornal como, por exemplo, cronograma de reuniões do projeto. Outros assuntos foram levantados como de interesse da comunidade. São eles: editais da agricultura familiar, novas tendências de cultivo, visualização de propriedades que têm maneiras de cultivo diferenciadas das de dentro do Sementes do Portal e informações gerais de utilidade pública (estradas, postos de saúde, educação e transporte).

Com estes resultados, compreendemos que o Jornal Muvucando não é encarado pelos agricultores como apenas um instrumento de comunicação interna do Projeto Sementes do Portal, mas uma ferramenta de alcance público dos trabalhos que realizam a agricultura familiar. Dos 74 agricultores entrevistados, 63 se sentem representados pelo jornal Muvucando e avaliam o projeto gráfico (tamanho do jornal, tamanho de fonte, qualidade das fotos/imagens) entre bom e excelente. Na avaliação sobre a qualidade dos assuntos, os agricultores sinalizam entre regular, bom e ótimo. Foi observado que para o crivo na qualidade dos assuntos, foram levados em consideração em primeiro lugar os temas de preferência pessoal e, em segundo, a visualização da comunidade nas edições do jornal. Sobre a periodicidade, os agricultores avaliam entre regular e boa, pois acreditam que publicações bimestrais seriam mais efetivas. Neste aspecto, foram registrados relatos sobre o desconhecimento e não recebimento do jornal em algumas localidades como Nova Canaã e Terra Nova do Norte.



Tabela 1- Avaliação do jornal Muvucando pelos agricultores

Avaliação do jornal Muvucando pelos agricultores				
Municípios/ Amostra	Projeto Gráfico	Assunto	Periodicidade	Desconhecimento
Alta Floresta (Jacamim) (1)	Ótimo	Ótimo	Excelente	
Alta Floresta (S.Lucia)(1)	Bom	Bom	Bom	
Apiacás (4)	Ótimo – Exc.	Bom	Bom	1
Carlinda (12)	Regular –Bom	Bom	Regular-bom	
Colíder (8)	Bom – Ótimo	Bom	Regular-bom	3
Nova Canaã do Norte (19)	Ótimo- exec	Reg-bom	Regular-bom	2
Nova Guarita (13)	Regular – Bom	Bom	Regular-Bom	1
Terra Nova do Norte (16)	Bom- ótimo	Bom	Bom	4
Total				11

Fonte: autora, 2017

A questão de número 10 no formulário aplicado aos agricultores buscava avaliar o grau de interesse e envolvimento dos jovens nas atividades das comunidades às quais pertencem. Os agricultores relacionam a interferência da internet por meio das redes sociais como um dos fatores que têm distanciado os jovens da participação nas atividades da vivência no campo. As explicações dos agricultores com relação a esse aspecto variam entre “Os jovens só pensam em whatsapp”, “Os jovens não se interessam pelas coisas do campo” e “falta incentivo da comunidade”.

Outro fator a ser considerado é o relato dos agricultores quanto ao número de jovens nas comunidades. Os agricultores dos municípios de Carlinda, Colíder, Nova Canaã do Norte e Nova Guarita descrevem a ausência de jovens, mas ressaltam a participação da juventude em atividades relacionadas à igreja. A falta de incentivo por parte da comunidade e falta de interesse dos próprios jovens foram respostas recorrentes e podem ser melhor visualizadas na tabela abaixo:



Tabela 2 - A participação dos jovens nas comunidades agrícolas

A participação dos jovens nas comunidades				
Municípios	Particip	N de Jovem *	F/I.C*	F/I. Jo*
Alta Floresta (Jacamim) (1)	100%			
Alta Floresta (Santa Lucia)(1)			100%	
Apiacás (4)			100%	
Carlinda (12)		50%	50%	
Colíder (8)	60%	40%		
Nova Canaã do Norte (19)	15%	35%		50%
Nova Guarita (13)	50%	25%		25%
Terra Nova do Norte (16)	40%		60%	

Fonte: autora,2017 | Legenda: N. de Jovem – Baixo número de jovens | F/I.C – Falta de Incentivo da comunidade | F/I. Jo – Falta de Interesse dos Jovens.

5.5 Ferramenta blog: uma proposta interativa

Os dados levantados referentes ao acesso à internet para os jovens dão conta de um acesso por meio da utilização da ferramenta em geral: por computador de mesa, celular, computador da escola. Obtemos, então, a seguinte tabela:



Tabela 3 - Número de jovens com acesso à internet

Bases de comunicação		
Municípios	N. de jovens	Acesso à internet
Alta Floresta (Jacamim)	5	3
Alta Floresta (Santa Lucia)	9	3
Apiacás	11	10
Carlinda	7	6
Colíder	2	2
Nova Canaã do Norte	3	2
Nova Guarita	2	2
Terra Nova do Norte	4	4
Total	43	32

Fonte: autora, 2017

Tabela 4 - Número de agricultores com acesso à internet

Agricultores		
Municípios	N. da amostra	Acesso à internet
Alta Floresta (Jacamim)	1	-
Alta Floresta (Santa Lucia)	1	1
Apiacás	4	1
Carlinda	12	2
Colíder	8	2
Nova Canaã do Norte	19	1
Nova Guarita	13	3
Terra Nova do Norte	16	6
Total	74	16

Fonte: autora, 2017



Gráfico 3- Famílias com Acesso à internet

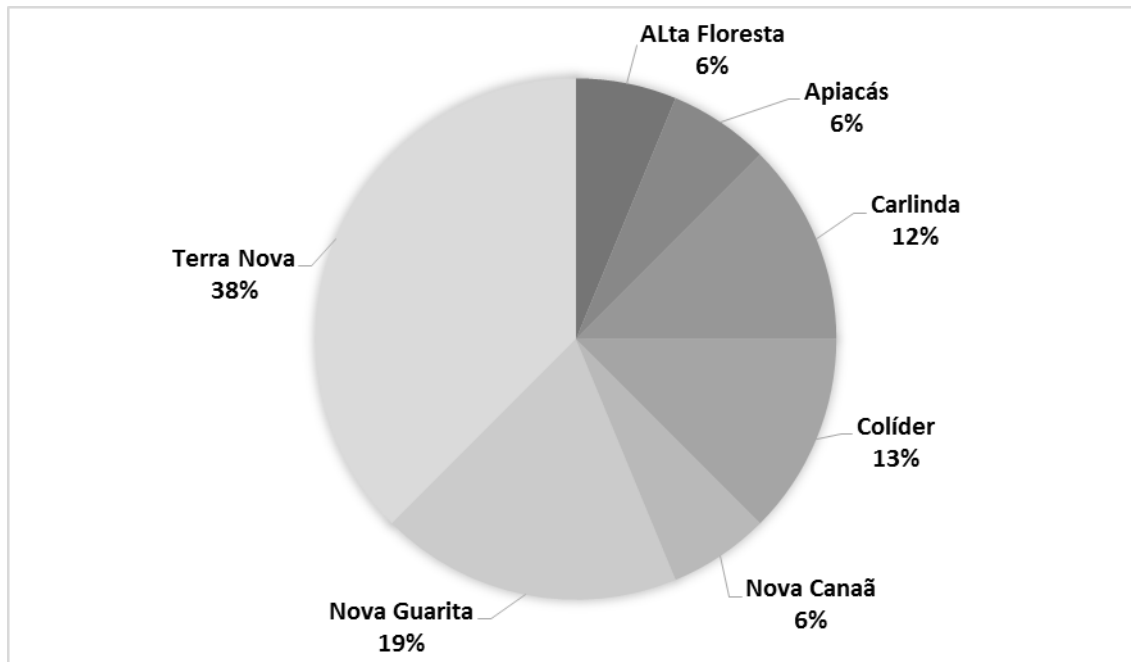
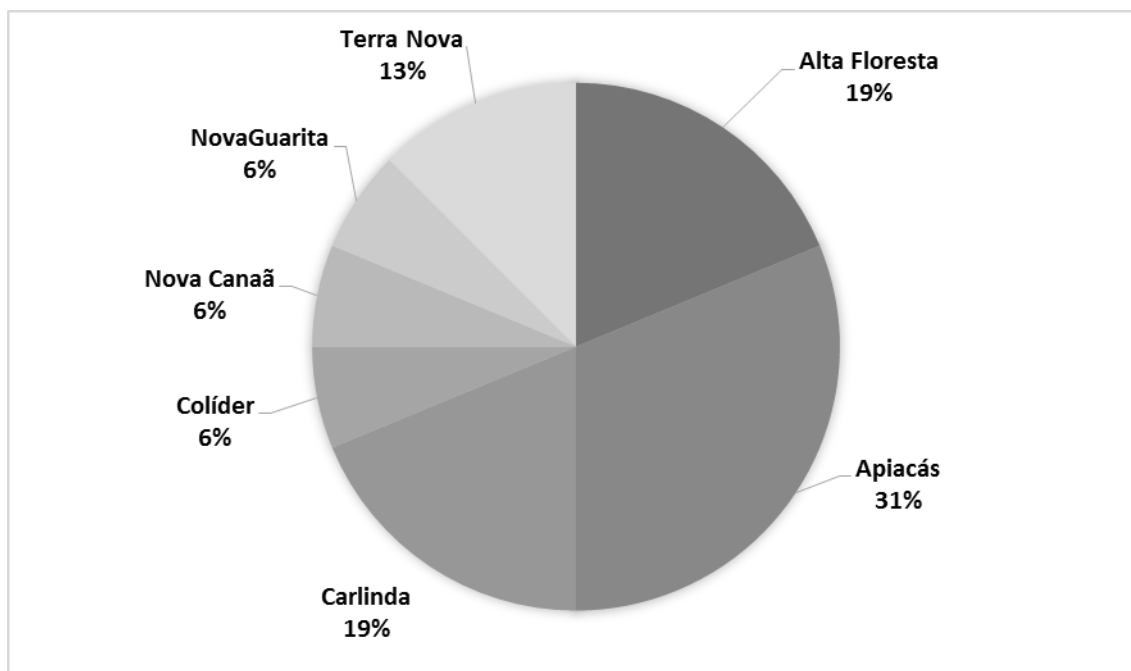


Gráfico 4 - Jovens com Acesso à internet



Fonte: autora, 2016



O comparativo entre as tabelas e gráficos sinaliza a distribuição da internet dentro da amostra consultada. Deve-se considerar o grau de importância que os dois nichos (jovens e agricultores) dão ao acesso à informação por diferentes meios. No entanto, este aspecto não foi levantado pelo formulário aplicado. A principal intenção deste levantamento específico com relação à internet foi em mapear o alcance e funcionalidade da internet para verificar hipótese de uma proposta de uma ferramenta online construída de forma compartilhada. Os resultados nas tabelas dos jovens, sinalizando que 32 jovens dos 43 entrevistados têm acesso à internet, aparentemente é um dado positivo para a impulsão da proposta. No entanto, em meio à verificação *in loco* durante o período das oficinas, foi avaliado que a funcionalidade do acesso à internet transcorre de forma limitada ou até mesmo inexistente nas escolas de algumas comunidades. Os jovens que têm o acesso por meio de internet móvel relatam ainda a falta de rede telefônica, consequência na má distribuição de redes nas áreas rurais do Brasil.

A pergunta de número 18 do formulário aplicado aos agricultores levantou o possível acesso dos agricultores e da sociedade em geral à possibilidade do jornal Muvucando comportar uma função web. Os agricultores justificam que mesmo não tendo o acesso à internet, uma ferramenta que fizesse os jovens se interessassem mais pela comunidade e ao mesmo tempo divulgasse mais as dinâmicas de cada comunidade seria bem recebida, levando em consideração que uma das principais reclamações quanto ao jornal Muvucando é a distribuição restrita aos participantes do projeto, haja vista que o produto gráfico ainda não perdeu sua função inicial de prestação de contas do Projeto.

5.6 O Muvucando como instrumento mobilizador para os jovens

O estudo da comunicação comunitária, aliado à educomunicação, propõe que os instrumentos de comunicação para a mobilização de uma comunidade sejam escolhidos pelos próprios integrantes do processo. A partir disso e com os dados de acesso à internet postulados, compreendemos que o processo de mobilização para ser concretizado de forma a fortalecer a identidade do grupo e incentivar a juventude do campo a olhar para as causas



do campo deve partir de iniciativas dos próprios grupos e não apenas a introdução de uma ferramenta gerida pelos membros.

O processo de produção do jornal Muvucando possibilita que os jovens façam uso da escrita para dar conhecimento dos assuntos de interesse das bases juntamente ao conselho gestor dos municípios. Entende-se, então, que o Muvucando, em sua organização, promove o diálogo dos jovens nos trabalhos da comunidade, sendo uma ferramenta de alcance e participação livre dos jovens. No entanto, foi avaliado em meio à pesquisa participante, que tal ferramenta, na fase 2016 do projeto Sementes do Portal, ainda não alcança um relevante grau de envolvimento e sentimento de pertencimento (PALÁCIOS, 2008) dos jovens por suas comunidades. Esta observação parte da verificação do não envio de materiais por parte de algumas bases de comunicação. Há de se considerar que na fase 2016 as bases de comunicação estavam se reestruturando com intermédio das escolas, que em alguns municípios, como o de Apiacás e Terra Nova do Norte, já haviam incentivo por meio de programas educacionais de incentivo à Educomunicação, que estruturavam um núcleo de mídias.

A escolha pela mediação das escolas é um fato que influencia positivamente a articulação de atividades de caráter educacional. Porém, um fator preocupante na organização deste cenário é o número de integrantes de cada base. A sugestão é que as bases que trabalham com um número igual ou maior de dez alunos se organizem em grupos responsáveis por cada edição do Muvucando, enquanto o outro grupo se concentre na produção de materiais mais voltados à sua comunidade e que, por consequência, possam ser publicados em outros meios de comunicação.

Uma outra hipótese possível para explicar é o fato do distanciamento dos jovens na produção, considerando que as bases de comunicação são responsáveis apenas por produção textual e não se envolvem na produção gráfica e distribuição. No entanto, compartilhar o processo de produção gráfica seria inviável para ambas as partes (instituto e jovens), haja visto que é de fundamental importância a revisão textual e técnicas profissionais de diagramação de responsabilidade da coordenação de comunicação do instituto.



5.7 Proposta do blog Muvucando

Foi realizado o levantamento sobre a proposta de introdução de um blog como instrumento de construção compartilhada de conhecimento para os jovens das bases de comunicação do jornal Muvucando. A pesquisadora detectou que os jovens das bases de comunicação se mostraram interessados em aprender o funcionamento da ferramenta e, principalmente, a produção de materiais audiovisuais.

Seguindo as premissas da comunicação comunitária e educacionais, o ideal para este processo seria a construção coletiva da ferramenta pela rede de comunicadores do projeto Portal da Amazônia. Deste modo, é sugerida uma metodologia de produção partitiva na construção da ferramenta, entendendo que esta proposta não desconsidera o valor e importância do jornal impresso no alcance dos agricultores e na prestação de contas do Projeto.

O levantamento feito entre os agricultores participantes do projeto e os jovens das bases de comunicação dão conta de que uma ferramenta na internet seria um atrativo aos jovens, que na percepção de uma parcela de agricultores, se interessam mais pelo ciberespaço. Esta pesquisa, no entanto, não pode negar dois dados levantados, que são a proporção de jovens que têm acesso à internet e a deficiência na qualidade do acesso à internet.

Diante disso, este trabalho iniciado com o objetivo de propor uma ferramenta de uso compartilhado (blog) das bases, sugere que para a efetivação desta proposta sejam levados em consideração o valor de construção em conjunto de uma plataforma e a adesão por uma organização entre os jovens para que, assim, cada grupo possa se sentir integrante de uma comunidade que tenha um objetivo em comum. A atividade despertaria o interesse na participação dentro de cada comunidade, haja visto que para a divulgação de materiais sobre a comunidade, os jovens terão que voltar o olhar para as realidades locais.

Outra sugestão é a eleição de uma base de comunicação mediadora das publicações. A base escolhida deverá ser a de maior disponibilidade e acesso à internet, para que a divulgação seja garantida. Como sugestão de plataforma,



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

design e funcionalidade, esta pesquisa traz um modelo de blog desenvolvido para utilização compartilhada das bases de comunicação, na plataforma gratuita WIX. O modelo estará disponível à rede de comunicadores partindo do interesse coletivo dos jovens.





6. Conclusão

A presente pesquisa, por meio do apanhado histórico, procurou buscar e elencar a composição do Projeto Sementes do Portal desde o ano de 2010 na perspectiva da composição comunicacional. O trabalho possibilitou, então, a visibilidade dos aspectos ambientais, sociais e cidadãos intrínsecos na produção do objeto de estudo, o Jornal Muvucando.

O estudo acerca do jornalismo ambiental, em suas variadas funções e em abrangência sistêmica de fundamentação, impulsiona o entendimento da aplicação das pautas pelos meios de comunicação de massa e, por meio do levantamento das respostas dos entrevistados, foi possível compreender aspectos de exclusão das causas das comunidades rurais consultadas aos meio de comunicação.

Por meio dos estudos da comunicação comunitária sobre o produto, objeto desta pesquisa, o jornal Muvucando, pode-se avaliar o nível de comprometimento das bases de comunicação com o produto e a intenção de maior envolvimento na fase 2016. É possível concluir que os jovens que passaram pelo curso de formação política e mobilização social apresentavam um maior grau de envolvimento e sentimento de pertencimento.

O alto índice de intenção em propor veículos de comunicação comunitária é um fato destacado como resultado das oficinas de comunicação. Os momentos de interação coletiva são as bases de maior interesse em trabalhar propostas que beneficiem suas famílias. Por meio da pesquisa participante, foi possível aumentar o envolvimento de algumas bases na produção de material escrito, porém trata-se de um processo que deve ser acompanhado continuamente para que alcance um ideal de relação e produção. Nota-se, porém, que as oficinas aplicadas ao longo da pesquisa contribuíram para um olhar da comunidade às bases de comunicação, gerando reflexão sobre a relevância da participação da juventude, abrindo mais espaços para os jovens em suas comunidades.

A realidade vivida nas comunidades e relatadas por jovens e agricultores mostram a relação do poder público com a permanência das famílias nas



comunidades rurais, pois o acesso a saúde, transporte e educação são as deficiências mais relatadas pelos entrevistados, sendo estas também consequência do número de moradores nas comunidades rurais do norte do estado do Mato Grosso estarem diminuindo. A limitação do acesso à informação por parte dos agricultores e a insatisfação dos jovens é um fator que pode ser visualizado com esta pesquisa que sugere a busca por políticas públicas de acesso à internet por meio do potencial mobilizador do grupo, compreendendo que este elemento integra o direito à informação e está presente nas políticas públicas do governo, por meio de programas de estímulo à educomunicação.

A efetividade da rede de comunicadores dentro do Projeto Sementes do Portal na fase de 2016 também se correlaciona com aspectos tecnológicos, compreendendo que para a eficiência da dinâmica atual se faz necessário os atributos da internet.

Tomando por base os processos em que esta pesquisa passou e o valor o qual os agricultores têm pela comunicação dentro do projeto, a sugestão é de que o jornal Muvucando permaneça sendo elaborado em conjunto com a juventude das comunidades, aperfeiçoando as relações em conjunto com as escolas, para que assim, além de um produto impresso que transmita aos municípios um material com conteúdo de maior qualidade, possa também potencializar a sua função de mobilizador e educativas, fazendo com que os jovens se sintam ainda mais inseridos no processo, assim como, parte fundamental para o desenvolvimento de sua comunidade. A avaliação dá conta de que se faz necessário promover encontros entre as bases, como forma de fortalecer vínculos e alinhar as propostas e intenções do Projeto para o produto da comunicação comunitária.

O potencial engajador que pretende-se com a construção compartilhada da ferramenta blog é um meio de facilitar o acesso a informação nas comunidades e das comunidades para o público externo, sanando as expectativas de parte da população de agricultores que relatou neste processo a carência por ter os trabalhos das comunidades visíveis a população como uma forma, também, de alcançar mais visibilidade do poder público. Desse modo, a ferramenta pode contribuir no fortalecimento das relações pessoais e fortalecer os objetivos em comum dos agricultores, além de acrescentar a



construção cívica dos jovens valores morais de luta pelos espaços nas mídias e nos direcionamentos governamentais.

O momento das bases de comunicação é de fortalecimento de vínculos e intenções, ao passo que parte de seus integrantes ainda estão reconhecendo as funcionalidades e potencialidades que existem na produção conjunta, dar mecanismos que valorizem diferentes formas de produção para aos jovens é avaliado nesta pesquisa como um elemento incentivador.



8. Referencial Bibliográfico

ABDO, Maria Teresa Vilela Nogueira et al. Sistemas Agroflorestais e Agricultura Familiar: uma parceria interessante. **Apta: Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, São Paulo, p.50-59, dez. 2008. Disponível em: <http://www.dge.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2;/T&IAv1n2;/Artigo_Agroflorestais_5.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA- FASE, 1989. p.240

BARRO, Mario Roberto et al. Blogs: Aplicação na Educação em Química. **Química Nova na Escola**, São Carlos, v. 30, p.10-15, nov.2008. Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc30/03-EQM-5108.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BASTOS, Hélder. (2010). **Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal**: os primeiros quinze anos (1995-2010), Porto: Cetac.media.

BELMONTE, Roberto Villar. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A.M. O papel dos meios multissensoriais no ensino/aprendizagem. In: **Estratégias de Ensino Apendizagem**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.203-219.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é comunicação rural?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Comunicação Rural**: Discurso e Prática. In: XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 1988.

BOS, Andreia Solange; MOREIRA, Rodrigo. Blogs na Educação: uma ferramenta de auxílio na aprendizagem. In: II EDUCOM SUL, 2013, Ijuí. **Educomunicação e Direitos Humanos**. Ijuí-RS. 2013. p. 1 - 6.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário Secretaria da Agricultura Familiar. Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Org.). **Política nacional de assistência técnica e extensão rural**. Brasília: MDA, 2007. Disponível em:

<www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater-4.doc>. Acesso em: 13 jan. 2017

BRASIL. MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário (Org.). **12 anos de transformações, lutas e conquistas**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2015. 87 p. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_19/12_anos.pdf>.



Acesso em: 12 jan. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Da Educação Ambiental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 5 jan. 2017

BRASIL. **Constituição (1988).** Título II - Dos Direitos E Garantias Fundamentais. Lex: legislação federal e marginália, São Paulo, v. 59, p. 2-3, out./dez. 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. (Org.). **Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA.** 3. ed. Brasília: Edições MMA, 2005. 105 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Educomunicação Socioambiental.** Série Documentos Técnicos 2. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2005. Disponível em:

<http://www.daep.com.br/coletivos/adm/download/dt_2_programa_educomunicacao_so_cioambiental_4a_versao_maio_final.pdf> Acesso 24 jan. 2017

BRASIL. **Portaria nº 68, de 9 de novembro de 2012** – dispõe sobre a ampliação das escolas do campo no Programa Nacional de Tecnologia Educacional – Proinfo, por meio do Pronacampo. (Diário Oficial da União, Brasília, 12 de novembro de 2012). 2012.

BRUNDTLAND, G.H. et al. **Report of the World Commission on Environment and Development:** our common future. United Nations, 1988. Disponível em:

<<http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente:** teoria e pesquisa. São Paulo: Majoara Editorial, 2007.

CEAAF - PORTAL DA AMAZÔNIA (Alta Floresta-MT). Instituto Ouro Verde - Iov (Org.). **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável:** Território da Cidadania Portal da Amazônia. Alta Floresta, 2010. 46 p. Disponível em:

<http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio074.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CALLOU, Angelo; TAUKE SANTOS, Maria. **Formação de comunicadores rurais:** Novas estratégias para enfrentar o século XXI. Contexto e Educação - Editora UNIJUÍ. Ano 16 - nº 63. 2001.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: O desafio para a educação do século 21. In: Meio Ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 3ª Edição. Editora Armazém do Ipê, Campinas - SP, 2008. p19- 35.



CASTELLS, Manuel. **A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista**. Cad. CRH, Salvador, v.17, p.5-34, 1992

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: convergências educacionais**. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, Vol.7 nº19, p. 67-85, 2010

CORPORAL, Francisco Roberto. **Política Nacional de Ater: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem enfrentados**. Brasília, 14 ago. 2005. Disponível em:
<<http://agroecologia.pbworks.com/f/Pnater->

+primeiros+passos+ +Caporal.pdf> Acessado em: 12 de fev. de 2017

DELORS, Jacques. 2003. **Educação: Um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2000

DÍAZ Noci, J., & SALAVERRÍA, R. (2003) (coord.) **Manual de Redacción Ciberperiodística**, Barcelona: Ariel Comunicación.

DILLENBOURG, P. **What do you mean by 'collaborative learning**. University of Geneva – Swtzerland. 1999. Disponível em:
<<http://hal.archivesouvertes.fr/docs/00/19/02/40/PDF/Dillenbourg-Pierre-1999.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FILHA, Elza Aparecida. **O Jornal do MST: os dilemas de uma proposta de comunicação popular**. In Ruralidades e Questões Ambientais: estudos sobre estratégia e políticas públicas. MDA. Brasília. 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudanças** Tradução de Moacir Gadotti e LÍlian Lopes Martin. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação: Diálogos**. v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 3ª reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Rosiane Correia de. **Diálogos Possíveis: Os desafios do uso da internet na escola**. 2005. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/internetnaescola.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

GOMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: Tríade Do Século XXI. In: V Simpósio de Pesquisa Em Comunicação da Região Centro-Oeste, 1999, Goiânia. **Comunicação & Educação**. Goiânia: Univerciência, 2002. p. 57 - 70. Disponível em

:

<<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4520/4243>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

GONZÁLEZ, Jorge A. Digitalizados por decreto. Ciberkultur@: inclusão forçada na América Latina. **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.133-138, set. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38211>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

GÖTSCH, Ernst. **Homem e Natureza: Cultura na agricultura**. Ed.2. Recife-PE: Centro Sábia, 1997.

GROS, Begoña; SILVA, Juan. Metodologías para El análisis de espacios virtuales colaborativos. **RED. Revista de Educación a Distancia**, número 16.2006. Disponível em: <<http://www.um.es/ead/red/16>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

HEIM, Michael, **A essência da realidade virtual**, Oxford University Press, N.York - Oxford, 1993. Traduzido por Puc -SP. 2009. Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/dossies/2009/edicao_2/2_1-a_essencia_da_realidade_virtual-michael_heim.pdf> Acessado em: 25 jan. 2017

INSTITUTO OURO VERDE - IOV (Alta Floresta-MT) (Org.). **Plano pedagógico do Curso de Formação em Mobilização Social e Agroecologia**. Alta Floresta: Iov, 2010. 7 p.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOUREIRO, C. F. B. et al. **Educação ambiental: repensando o espaço da**



cidadania. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002a

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Educomunicação transforma escola em pólo de reflexão e diálogo**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2007. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

MACHADO, Elias. **Metodologias De Pesquisa Em Jornalismo** - uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. SC Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MARQUES DE MELO, J. **Comunicação e libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINARI, Laura Alves Laura. **O blog como laboratório para educomunicação socioambiental**. In: Revista do Centro de Educação a Distância. Vol.2, nº1. Florianópolis-SC. 2009. p. 88-10.

MORAN, José M. **Pedagogia integradora do presencial-virtual**. São Paulo, 2002. Artigo publicado em www.eca.usp.br/prof/moran/pedagogia.htm, acessado em 09 de fevereiro de 2017.

MUNARIM, Iracema; GIRARDELLO, Gilka; MUNARIM, Antônio. **Educação do Campo e Políticas Públicas para a "inclusão digital" em escolas do campo do Brasil**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis-SC, 2015.

NEULS, Gisele Souza; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; SILVA, Augusto César Pereira; Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (UFRGS/RS) e Instituto Centro de Vida (ICV/MT). **Comunicação Comunitária como Espaço de Transformação Ambiental em Assentamentos Amazônicos de Mato Grosso**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR. 2009.

OLIVEIRA, Rosa M. Aprendizagem mediada e avaliada por computador: a inserção dos blogs como interface na educação. in: Silva, Marco e SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências**. São Paulo: Loyola, 2006.

PALACIOS, Marcos. **Ferramentas para análise de qualidade no Ciberjornalismo**. Vol 1 LabCom Books. Portugal, Coimbra, 2011

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, A. A. (Org.). **Idade média**. Salvador: UFBA, 2001.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória. In MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs),



Modelos do Jornalismo Digital, Editora Calandra, Salvador, 2003.

PAULA, Cálita F. Batista; KOCHHANN, Roscéli. **Convergência Tecnológica no Radiojornalismo**: A internet como ferramenta na produção jornalística nas emissoras de rádio da mesorregião sudeste de Mato Grosso. 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo -UFMS, Campo Grande-MS, 2014.

PAZ, Aline Neyde de Lima; PIMENTEL, Fernando Sílvio Cavalcante; BARROS, André Rafael. **O Uso de Edublog e a cultura da colaboração online**. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas - ANPAE, 6, 2011, Alagoas - SE. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://epeal2011.dmd2.webfaccional.com/media/anais/295.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo:Atlas,2006. p.125-145.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Mídia comunitária**. Revista Comunicação e Sociedade. n.32. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998b.

PERUZZO, C.M.K. **Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@: aproximações à proposta de comunidade emergente de conhecimento local**. Oficinas Terrestres: Revista de Ciências Sociais desde la Comunicación y la Cultura (UNLP), v. n. 27, p. 1-24, 2011. Disponível em:

<<http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficiosterrestres/article/viewFile/1250/1142>> Acesso em 10 jan. 2017

PERUZZO, Cicilia M.K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: Oliveira. Maria José da C. (Org.). Comunicação pública. Campinas: Alínea, 2004b. p. 49-79.

PERUZZO, Cecília M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 1, n. 11, p.33-43, jan. 2009. Disponível em:

<http://www.unifra.br/professores/rosana/Peruzzo_2009.pdf> Acesso em: 13 fev. 2017.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. Anuário Internacional de comunicação Lusófona, v. 4, n. 1, 2006. p. 141-169.



PERUZZO, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. In: **Comunicação e movimentos populares**: quais redes? São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 275-298.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; Conceitos de Comunicação popular, alternativa e comunitária revisados. Reelaboraões no setor. **Palavra Clave**. Bogotá: Facultad de Comunicación, Universidad de La Sabana, v11, n.2, dez.2008a.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SILVA, Ana Carolina de Araújo. **O discurso ambiental jornalístico, político e empresarial em âmbito local**: uma proposta de análise. 2016. 217 f. Tese (Doutorado)

- Curso de Doutorado em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016. Disponível em:

<<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1519>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

SILVA, Bruna de Lima. **O Uso da Internet na Comunicação Comunitária: Análise do Portal Índios Online**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.2011.

SILVA, M. (org.). **Educação on-line**. São Paulo: Loyola, 2003.

SOARES, Guilherme. **Desenvolvimento local e territorialidade**. In: TAVARES, J. R.; RAMOS, L. (Org.). Assistência Técnica e Extensão Rural: construindo o conhecimento agroecológico. Manaus: IDAM, 2006. p. 35-52.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: Um campo de mediações**. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo-SP, 2000. p. 12-24.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão Comunicativa da Educação: Caminhos da Educomunicação**. In: Revista Comunicação e Educação. Editora Ano VII, jan./abr. 2002, p 16 – 25.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, seus procedimentos e metodologias**: Sobre educomunicação, seus procedimentos e metodologias. 2002. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducunicacao/texto,2,231,254>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SOUSA, Anaelson Leandro De; BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas; ALBUQUERQUE, Eliana C.P. Tenório. **A notícia e o anúncio ambiental: analisando o Dia Mundial do**



Meio Ambiente na mídia impressa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17862/1/R1823-2.pdf>>. Acessado em 16 nov. 2016

SOUZA, William; SILVA, Normandes. **Plantio de Muvuca de sementes no contexto da restauração ecológica de áreas de preservação permanentes degradadas.** In: Revista Brasileira de Agroecologia. 63-74, 2014

SPENILLOI, Giuseppa. **O fenômeno da Comunicação Rural na era tecnológica – busca de novos caminhos.** São Paulo: Coleção GT's Intercom, 2002.

SINGH, R. **Sua Santidade, o Dalai-Lama. O caminho da tranquilidade.** Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2000.

TEMER, A.C.R.P; SANTANA, M.J.S. Educação e Comunicação em Paulo Freire: **Reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freiriano.** Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados-MS, vol 03, n.08. p 04-15, 2014.

THIOLLEN, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 12 ed. São Paulo: Cortez.2003.

TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente na Idade Mídia.** In: Meio Ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 3ª Edição. Editora Armazém do Ipê, Campinas - SP, 2008. p. 75-91

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** SP.Universidade de Murdoch, 2005.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típicoideais. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116

TOZONI-REIS, M.F.C. Contribuições para uma pedagogia crítica da educação ambiental: reflexões teóricas. In: LOUREIRO, C.F.B. (org). **A questão ambiental no pensamento crítico:** natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Educomunicação transforma escola em pólo de reflexão e diálogo.** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2007. Disponível em

<<http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos>> Acesso em: 18 jan. de 2017.



MARTINARI, Laura Alves Laura. **O blog como laboratório para educomunicação socioambiental**. In: Revista do Centro de Educação a Distância. Vol.2, nº1. Florianópolis-SC. 2009. p. 88-10.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios Culturais da Comunicação à Educação. Comunicação & Educação**, São Paulo. 2000 Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36920/39642>> Acesso em: 12 fev. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014, 155p.

MARQUES DE MELO, J. **Comunicação e libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MACHADO, Elias. **Metodologias De Pesquisa Em Jornalismo** - uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. SC Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MORAN, José M. **Pedagogia integradora do presencial-virtual**. São Paulo, 2002. Disponível em <www.eca.usp.br/prof/moran/pedagogia.htm> Acesso em: 09 ev. de 2017.

MUNARIM, Iracema; GIRARDELLO, Gilka; MUNARIM, Antônio. **Educação do Campo e Políticas Públicas para a "inclusão digital" em escolas do campo do Brasil**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis-SC, 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. 6. ed. São Paulo-SP: Summus Editorial, 1986. 125 p.

NEULS, Gisele Souza; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; SILVA, Augusto César Pereira; Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (UFRGS/RS) e Instituto Centro de Vida (ICV/MT). **Comunicação Comunitária como Espaço de Transformação Ambiental em Assentamentos Amazônicos de Mato Grosso**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR. 2009.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 1995.

ZAMITH, Fernando António Dias. **A Contextualização no Ciberjornalismo**. 2011.

293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Computação, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade do Porto, 2011.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In:



Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso

FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.



7. APÊNDICES

7.1 Apêndice I – Fotos das Oficinas nos municípios



Foto 1: Oficina no assentamento Jacamim - Alta Floresta



Foto 2: Oficina no assentamento Jacamim - Alta Floresta



Foto 3: Oficina em Colíder



Foto 4: Oficina intermunicipal em Alta Floresta



Foto 5: Oficina intermunicipal em Alta Floresta



Foto 6: Oficina intermunicipal em Alta Floresta



Foto 7: Oficina na Comunidade Santa Lúcia - Alta Floresta



Foto 8: Oficina em Carlinda



Foto 9: Oficina em Terra Nova do Norte



Foto 10: Oficina em Apiacás



Foto 11: Oficina em Apiacás



Foto 12: Entrevista com a base de Nova Canaã



7.2 Apêndice II – Formulários aplicado aos agricultores

Formulário

Nome:

Idade:

Município:

Comunidade:

1. Grau de escolaridade:

- a) () Não alfabetizado. b) () Ensino Fundamental. c) () Ensino Médio.
d) () Ensino Superior. e) () Pós graduação. f) () Não sei

2. Você tem acesso a Internet?

Sim () Não ()

Se sim, o acesso é feito por:

- Computador próprio ()
Computador de outra pessoa ou instituição ()
Celular ()

3. Por quais meios de comunicação você busca informação?

- TV ()
Rádio ()
Internet ()
Jornal impresso ()
Revista ()

4. Com qual frequência você busca essas informações?

- Diariamente ()
Semanalmente ()
Mensalmente ()
Não há uma frequência definida ()

5. Qual meio de comunicação você acha mais confiável?



TV ()

Rádio ()

Internet ()

Jornal impresso ()

Revista ()

6. Você vê o assunto “Agricultura Familiar” sendo tratado nesses meios?

Sim () Não ()

7. Se sim, em qual? Se não, por que pensa que o tema não é trabalhado pelos meios de comunicação?

7. Você vê notícias sobre a sua comunidade serem divulgadas nos jornais locais?

Sim () Não ()

8. Qual assunto você gostaria de ver abordado sobre a sua comunidade nos meios de comunicação?

9. Qual o problema que mais atinge sua comunidade?

10. No seu ponto de vista, os jovens se interessam sobre os assuntos da sua comunidade? Por quê?

11. Você conhece o Jornal Muvucando? Sim () Não ()

12. Você se sente representado pelo Muvucando? Sim () Não ()

13. Sobre o tamanho do jornal (46cmx32cm):

() Bom

() Regular (

) Ótimo

() Excelente

() Ruim



Péssimo

14. Sobre as o tamanho e fontes das letras:

Bom

Regular (
 Ótimo

Excelente

Ruim

Péssimo

15. Sobre as qualidades das imagens:

Bom

Regular (
 Ótima

Excelente

Ruim

Péssima

16. Sobre os assuntos tratados:

Bom

Regular (
 Ótimo

Excelente

Ruim

Péssimo

17. Sobre a periodicidade (Trimestral):

Bom

Regular (
 Ótimo

Excelente

Ruim

Péssimo

18. Você acessaria o Muvucando se ele estivesse na Internet? Sim () Não ()



7.3 Apêndice III – Formulário aplicado aos jovens

Formulário

Nome:

Idade:

Município:

Comunidade:

Grau de escolaridade:

a) () Não alfabetizado. **b)** () Ensino Fundamental. **c)** () Ensino Médio.

d) () Ensino Superior. **e)** () Pós graduação. **f)** () Não sei

1. Por quais meios de comunicação você busca informação?

TV ()

Rádio ()

Internet ()

Jornal impresso ()

Revista ()

2. Com qual frequência você busca essas informações?

Diariamente ()

Semanalmente ()

Mensalmente ()

Não há uma frequência definida ()

3. Qual meio de comunicação você acha mais confiável?

TV ()

Rádio ()

Internet ()

Jornal impresso ()

Revista ()

4. Você vê o assunto “Agricultura Familiar” sendo tratado nesses meios? Se sim, em qual? Se não, porque pensa que o tema não é trabalhado pelos meios de comunicação?



**Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso**

5. Qual o problema que mais atinge sua comunidade?

6. Qual assunto você gostaria de ver abordado sobre a sua comunidade nos meios de comunicação?



Programa de Pesquisa em Resiliência da
Agricultura Familiar no Norte e Noroeste do Mato Grosso

7.4 Apêndice IV – Sugestão de plataforma



Figura 1 e 2 – Blog *Muvucando Online* ¹⁸

¹⁸ Fonte: autora, 2017. Disponível em:
<<https://denisefaaria.wixsite.com/muvucandoonlinee>> Acessado em: 09 de fev. de 2017